LITEROMANCIA

contos

quadrinhos

resenhas

ilustrações

e mais!

Volume 1 | Nº1 | 2019

EDITORIAL

Há cerca de três anos, dois seres diametralmente opostos se encontraram na mesma sala de aula. A Luana era muito sincera, não muito de medir palavras. Estava se graduando em Escrita Criativa porque queria ser uma boa leitora. Já o Dré era o mais neutro, amigo de todo mundo. Estava se formando em Escrita Criativa porque queria ser um bom escritor. O Dré sabia o que queria, mas não sabia como. A Luana tinha a ideia de como, mas não sabia com quem. Assim, a Literomancia teve suas primeiras raízes.

Mas esse não é o tipo de trabalho que se faz sozinho: precisavam de aliados poderosos. O Dré lembrou de um rapaz chamado Pablo, que conhecera na fila do show do Green Day. Não parava de aparecer na sua timeline postando coisas sobre HQs. A Luana lembrou de uma moça chamada Marcela, que conheceu quando estagiaram juntas na mesma editora.

Juntos, nós bolamos um nome, criamos um projeto e o colocamos em prática.

Esperamos que gostem.

Equipe Literomancia

EXPEDIENTE

Volume 1 | Nº 1 | 2019

A Literomancia é uma publicação trimestral e completamente gratuita especializada em Literatura Especulativa. O objetivo da revista é a valorização do criador de histórias como profissional para incentivar e promover o ramo literário.

Luana Nicolaiewsky
Editora-chefe

Graduada em Escrita Criativa pela PUCRS e publicou em antologia pela editora Bestiário. Trabalha com produção editorial na Artmed Panamericana Editora.

Dré Santos
Diretor de redação

Graduado em Escrita Criativa pela PUCRS, foi bolsista de iniciação científica com pesquisa sobre ficção e tecnologia, já publicou e revisou antologias pela editora Bestiário.

Pablo Peixoto
Diretor de arte

Graduado em Design Gráfico pela Uniritter. Ilustrador e capista de livros independentes e do jornal UniPautas.

Marcela Bezerra
Editora

Graduada em Letras Espanhol pela UFPel. Criou e ministrou curso literário na Galeria Hipotética. Trabalhou com criação de conteúdo para mídias sociais na Sefaz RS. Trabalha com produção editorial na Artmed Panamericana Editora.

Publicação independente
Periodicidade: trimestral
Direção: André Santos (dre.santos@literomancia.com.br)
e Luana Nicolaiewsky (luana.nicolaiewsky@literomancia.com.br)
Endereço: rua General Jonathas Borges Fortes, 765 – Glória – Porto Alegre/RS – CEP 91710-020

Créditos da capa ©grandfailure – stock.adobe.com

APRESENTAÇÃO

Alan Moore afirmou que magia é arte. Que grimório, um livro de magias, é apenas uma palavra bonita para gramática. Você já pensou sobre isso? Sobre como as imagens surgem em sua mente a cada palavra? Reflita sobre a imagem que se forma em sua mente quando se escreve a palavra "cadeira". Sem precisar descrever, é provável que você tenha imaginado uma cadeira de madeira, com quatro pés, um assento quadrado e um encosto, também quadrado. Por que você imaginou essa cadeira, quando existem tantos designs e materiais diferentes?

Digamos que se desenhe uma linha que começa na parte inferior esquerda e termine na parte superior direita de uma folha em branco. Em outra, se desenhe uma linha que começa na parte superior esquerda e termine na parte inferior direita. É bem provável que, na primeira, você veja uma subida, e, na segunda, uma descida. Por quê? Não são apenas linhas cruzando um papel?

Palavras e formas moldam a mente humana.

Palavras e formas são magia.

Bem-vindo à Literomancia.

DEFININDO A FICÇÃO CIENTÍFICA

O termo "ficção científica" (FC) foi cunhado para designar um subgênero da ficção em prosa que trazia características didáticas e proféticas com base em conhecimentos científicos. Em 1926, nos Estados Unidos, o termo foi usado pela primeira vez por Hugo Gernsback, editor da recém criada revista *Amazing Stories*, que se propunha a publicar textos desse novo gênero literário. No decorrer do século XX, as inseguranças causadas pelas grandes guerras e os avanços tecnológicos mundiais impulsionaram os escritores para essa nova temática.

Desde então, muitos estudiosos se propuseram a discutir o que seria o cerne da FC, qual teria sido seu primeiro romance e outras questões relevantes para a estruturação de uma boa definição. A maioria dos autores defende que a FC seria a extrapolação da ciência e do alcance da humanidade — ou seja, a forma literária de abordar o elemento especulativo, o "e se...?". Mas há aqueles que compreendem a definição e a origem do gênero de outras formas.

Para o pesquisador Raul Fiker, por exemplo, o primeiro romance do gênero teria sido *Um estranho numa terra estranha*, de Robert A. Heinlein — publicado em 1965 —, e que somente a partir dele a FC foi reconhecida no mundo literário. Já para o escritor Isaac Asimov, é de Mary Shelley, autora de *Frankenstein* — lançado em 1818 —, o posto de precursora do gênero.

Para Heinlein, as narrativas de FC requerem uma abordagem mais objetiva, na qual seria adequado tratar o gênero como uma especulação realista acerca de possíveis eventos futuros, baseada solidamente em conhecimentos pertinentes ao mundo real. Já Asimov discorda, para ele a FC pode ser definida como o ramo da literatura que lida com a reação dos seres humanos às mudanças na ciência e na tecnologia.

Em contrapartida, a autora Ursula K. Le Guin, acredita que o gênero não precisaria ter uma definição tão "cientificista". Para ela, a FC é sobre metáforas e não poderia ser resumida em simples métodos de extrapolação científica. A autora, que recebeu mais de 20 prêmios literários, defende que o gênero tem suas próprias metáforas de cunho tecnológico, como a viagem no tempo, a sociedade alternativa, a biologia alternativa e a narrativa futurista; esses sim seriam os artifícios literários responsáveis pela diferenciação do gênero de FC.

Assim, não é possível chegar à uma única definição para a FC. Em cada obra lida, é preciso aplicar o pensamento do teórico Gérard Genette — que diz que uma obra não deve se propor a pertencer a nenhum gênero, nem se pré-enquadrar em algum aspecto. Ele discorre, em seu livro *Palimpsestos*, que o leitor é quem deve, com base em suas interpretações do conteúdo literário de determinada obra, definir a qual gênero ela pertence e, com isso, discutir seus aspectos e significações para melhor compreendê-la. É claro que nas obras dos autores citados, suas visões quanto ao gênero sejam explicitadas, e é justamente essa multiplicidade que proporciona as mais variadas interpretações e criações literárias dentro da FC.

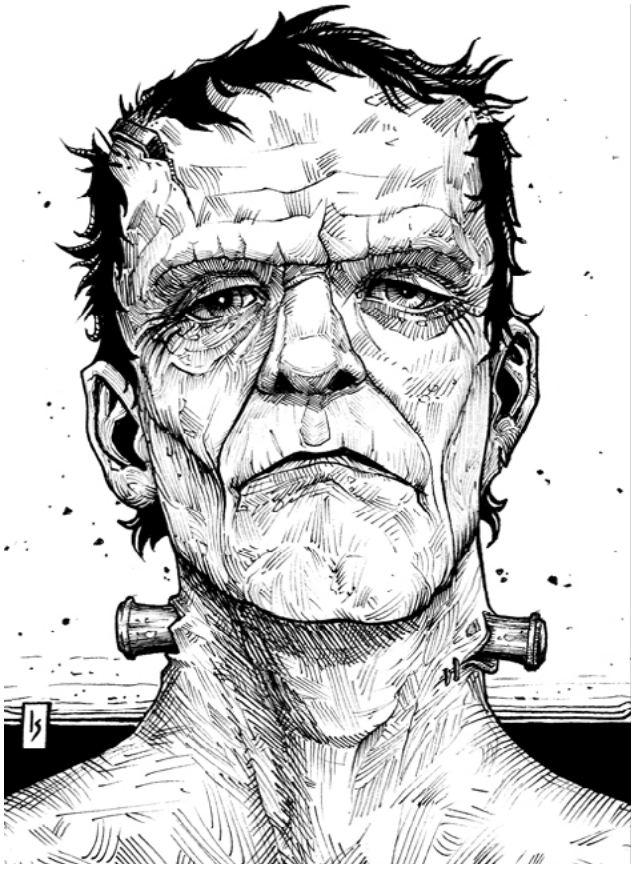
Para completar, a autora e estudiosa da área, Miriam Allen deFord, baseando-se nas teorias de Todorov para o fantástico, cunhou a frase que mais abertamente descreve o gênero: "A Ficção científica trata de possibilidades improváveis".

CRIANDO MONSTROS
A DIFERENÇA ENTRE O MONSTRO DE ALIEN E O DE BIRD BOX

Você já tentou imaginar como deve ser a mente da pessoa que criou o Xenomorfo do filme *Alien: o oitavo passageiro?* Uma criatura humanoide que parece fundir conceitos de serpente com genitais e ossos? Seu ciclo de reprodução é uma das coisas mais bizarras já criadas. Uma rainha põe ovos de onde eclodem os chamados facehuggers, uma criatura que parece uma mão aracnídea com uma cauda que se agarra a outras criaturas para, então, por um orifício onde seria a palma, transferir um embrião que, em questão de horas, eclode, matando o hospedeiro imediatamente. O embrião, agora chamado de chestburster, cresce e se torna um novo Xenomorfo, adquirindo algumas características fisiológicas do hospedeiro.

"Que pintor prodigioso poderia esboçar o retrato do ser que a duras penas e com tantos cuidados eu me esforçara por produzir?"
—Dr. Victor Frankenstein.

A verdade é que não há apenas um cérebro por trás da criatura, mas vários. O primeiro deles foi o do surrealista suíço H.G. Giger, que fazia pinturas de humanos e máquinas fundidos no que chamam de relação biomecânica. Foi na arte dele que a aparência do Alien foi baseada. Uma profusão ordenada e surreal de genitálias, esfíncteres, bulbos e vértebras interligados por artérias, tendões e traqueias, tudo em um tom metálico e enferrujado, como se feito em murais de ferro, lembranças que contam a história de um passado de adoração profana forjada em aço vivo.



The Monster – por Kirk Shannon

Em 1979, Dan O'Bannon e Ronald Shusett estavam escrevendo o início do roteiro de *Alien*, parte em que o grupo de mineradores espaciais são enviados a um planeta desconhecido para investigar um pedido de socorro. Os roteiristas logo se depararam com um problema: como fazer a criatura entrar sorrateiramente na nave? Inspirado por um sonho, Shusett idealizou que o monstro transaria com um membro da tripulação. Que diabo de sonho foi esse? É preferível nem saber. O que importa é que essa foi a semente para o início da construção do famoso ciclo de vida do Xenomorfo.

Isso traz uma lição poderosa: não é preciso se preocupar com o fato de que alguma característica do seu monstro

sirva apenas para compensar problemas de roteiro, desde que a característica seja trabalhada a ponto de tornar-se verossímil para o leitor ou espectador.

Xenomorfo (figure) – por CoolProps

O'Bannon conheceu Giger enquanto trabalhavam em uma adaptação da série de livros *Duna*, de Frank Herbert, que acabou sendo cancelada. Fascinado pelo trabalho do surrealista, O'Bannon indicou os designs de Giger para o diretor Ridley Scott, que decidiu usá-los para moldar sua critura. Por fim, entrou no jogo o designer de efeitos especiais Carlo Rambaldi, que foi responsável por transformar o surrealismo de Giger em algo concreto, usando, para isso, partes do carro Rolls Royce, somado a costelas e vértebras de cobra. Ele criou um traje e colocou o designer gráfico nigeriano Bolaji Badejo, que fez aulas de tai chi e de mímica para praticar seus movimentos.

Monstro sem-nome (Bird Box) – Cena do filme

Depois, o desenrolar do filme tratou de nos apresentar cada uma dessas características, e assim, o conceito do Xenomorfo estava construído.

Observe agora o exemplo do filme *Bird Box*. Um monstro sem design, pois é convenientemente invisível. Cada pessoa o vê de forma diferente, mas o espectador não o enxerga de maneira alguma que não seja por folhas voando. E, de alguma forma, os personagens cometem suicídio quando o "veem". A solução simples seria manter-se de olhos fechados, pronto. Mas então, de maneira muito conveniente, aparecem pessoas que se tornam obcecadas pelo monstro e que não apenas não morrem quando o veem, como também tentam forçar os outros a enxergá-lo. A trama precisa de momentos em que os personagens podem abrir os olhos, então, o monstro é incapaz de entrar em casas, carros ou cobertores jogados sobre a cabeça... mas vê-lo através de uma câmera também não é possível, afinal, isso seria o fim do monstro.

Quando for criar seu monstro, pense em design e em como ele se encaixa no roteiro. Isso é importante, pois, mesmo que ele seja invisível, estará submetido a certas regras internas que compreendem sua fisiologia. Exponha essas regras em sua história com coerência, para que o espectador acredite naquele monstro. E, se precisar criar características para preencher furos, faça-o com bastante pesquisa técnica.

H.R. Giger, Cthulhu (Genius) III (1967) — H.R. Giger Museum

O VAZIO E A CONSTRUÇÃO DE UNIVERSOS

Raros são aqueles que atualmente não são fãs de ao menos um mundo ficcional. Uma criação tão vasta, que é possível descobrir cada vez mais coisas, de maneira que parece infinita. A ponto de ser tratado como um mundo real, que apenas está em algum lugar distante daqui. Um mundo inteiro criado dentro de páginas e telas.

Pessoas que costumam se fascinar por tais mundos procuram maneiras de criar os seus, e o que elas encontram é sempre uma lista de dicas sobre como pensar em religião, cultura, geografia e coisas do tipo. Isso é importante, é claro. Mas será apenas isso?

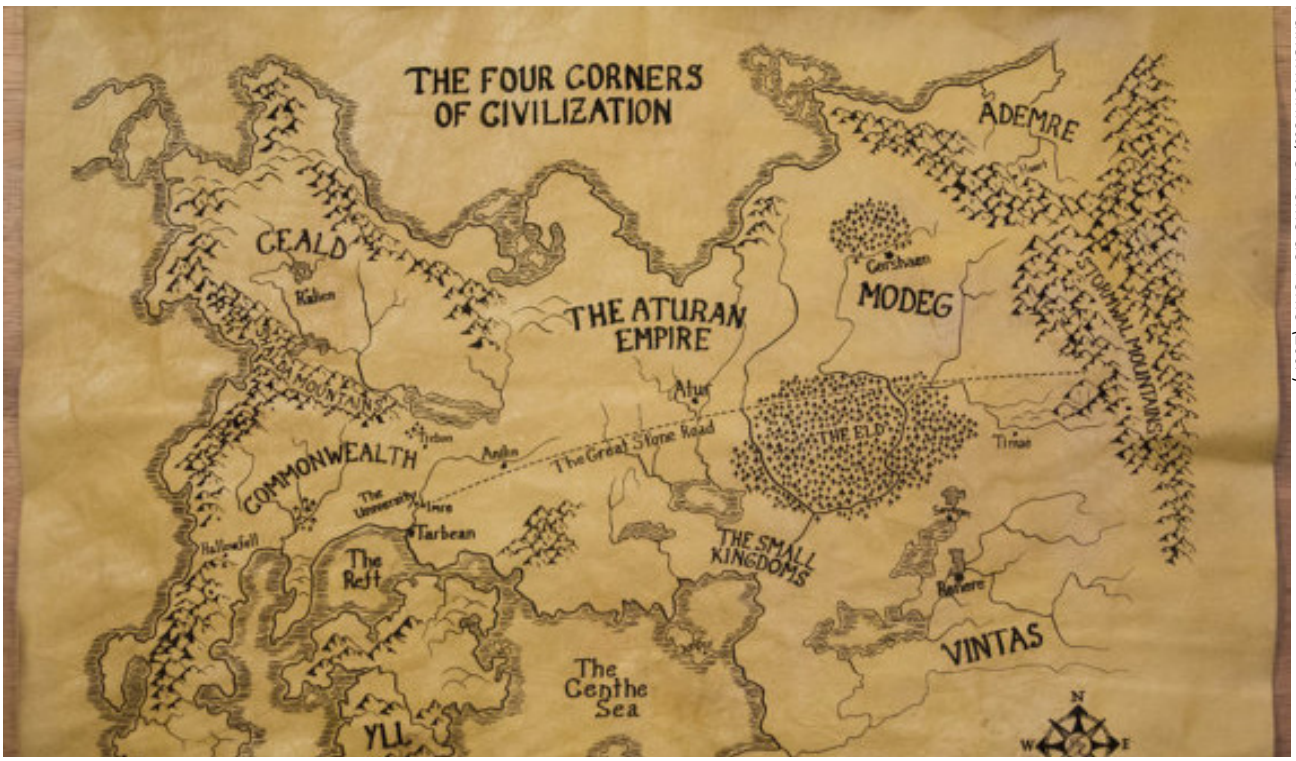
Chafurdando os empoeirados tomos literomantes ancestrais, descobrimos um conceito chamado *Ma,* palavra japonesa que significa vazio. O vazio é o segredo da arte.

Uma música intercala som e pausa em suas composições. Uma estátua é moldada no ar tanto quanto na pedra. Um desenho delimita o branco do papel. Todo artista, portanto, sabe o valor do vazio. Uma história, por sua vez, é uma composição entre ação e descrição, ou seja, da história e da pausa na continuidade da história para enumeração de características que definem algo.

Uma boa descrição também deve apresentar elipses.

No mundo moderno, temos fácil acesso a informações, definições e imagens; por isso, não precisamos mais de tantos detalhes. Essa justificativa tem sido dada para criticar as longas descrições de Tolkien, transformando livros com pouca descrição em sinônimo de qualidade e, como resultado, autores, principalmente os de fantasia, dedicam-se cada vez menos a essa preciosa arte, criando mundos que não

The Realm of Middle Earth
Miles
IRON HILLS
MIRKWOOD
Sea of Rhûn
MINHIRIATH
ENEDWAITH
ROHAN
The BROWN LANDS
Dagorlad (Battle Plain)
ERED LITHUI (Ash Mountains)
MORDOR
NURN
Sea of Nurnen
South Gondor
Anfalas
Pinnath Gelin
Andrast (Rash Hurtle)
Tolfalas
Dol Amroth
Lebennin
Sirithlien
Morgul
Minas Morgul
Minas Tirith
Pelennor
Anduin
Anduin (River Running)
Celebrant
Gulf of Lhûn
Harlond
Harlindon
Tharbad
Sarn Ford
Sarn Gebir
Isengard
Fangorn
Fords of Isen
Angrenost (Isengard)
Adorn
Dunland
Gladden
Entwash
Entwade
Eastfold
Anduin Vale
Dagorlad
Morannon
Nindalf
Emyn Muil
Rivers of Rohan
Wold and Rohan
Eastern Road
Southern Road
Dark Road
Road to Rohan
Road to Gondor
Road to Mordor
Road to Isengard
Road to Fangorn
Road to Dunland
Road to Lothlórien
Road to Mirkwood
Road to Minas Tirith
Road to Minas Morgul
Road to Dagorlad
Road to Morannon
Road to Mordor
Road to Nurn
Road to Sea of Nurnen
Road to South Gondor
Road to Anfalas
Road to Pinnath Gelin
Road to Andrast
Road to Tolfalas
Road to Dol Amroth
Road to Lebennin
Road to Sirithlien
Road to Morgul
Road to Minas Morgul
Road to Minas Tirith
Road to Pelennor
Road to Anduin
Road to Celebrant
Road to Gulf of Lhûn
Road to Harlond
Road to Harlindon
Road to Tharbad
Road to Sarn Ford
Road to Sarn Gebir
Road to Isengard
Road to Fangorn
Road to Dunland
Road to Gladden
Road to Entwash
Road to Entwade
Road to Eastfold
Road to Anduin Vale
Road to Dagorlad
Road to Morannon
Road to Nindalf
Road to Emyn Muil
Road to Rivers of Rohan
Road to Wold and Rohan
Road to Eastern Road
Road to Southern Road
Road to Dark Road
Road to Road to Rohan
Road to Road to Gondor
Road to Road to Mordor
Road to Road to Nurn
Road to Road to Sea of Nurnen
Road to Road to South Gondor
Road to Road to Anfalas
Road to Road to Pinnath Gelin
Road to Road to Andrast
Road to Road to Tolfalas
Road to Road to Dol Amroth
Road to Road to Lebennin
Road to Road to Sirithlien
Road to Road to Morgul
Road to Road to Minas Morgul
Road to Road to Minas Tirith
Road to Road to Pelennor
Road to Road to Anduin
Road to Road to Celebrant
Road to Road to Gulf of Lhûn
Road to Road to Harlond
Road to Road to Harlindon
Road to Road to Tharbad
Road to Road to Sarn Ford
Road to Road to Sarn Gebir
Road to Road to Isengard
Road to Road to Fangorn
Road to Road to Dunland
Road to Road to Gladden
Road to Road to Entwash
Road to Road to Entwade
Road to Road to Eastfold
Road to Road to Anduin Vale
Road to Road to Dagorlad
Road to Road to Morannon
Road to Road to Nindalf
Road to Road to Emyn Muil
Road to Road to Rivers of Rohan
Road to Road to Wold and Rohan
Road to Road to Eastern Road
Road to Road to Southern Road
Road to Road to Dark Road
Road to Road to Road to Rohan
Road to Road to Road to Gondor
Road to Road to Road to Mordor
Road to Road to Road to Nurn
Road to Road to Road to Sea of Nurnen
Road to Road to Road to South Gondor
Road to Road to Road to Anfalas
Road to Road to Road to Pinnath Gelin
Road to Road to Road to Andrast
Road to Road to Road to Tolfalas
Road to Road to Road to Dol Amroth
Road to Road to Road to Lebennin
Road to Road to Road to Sirithlien
Road to Road to Road to Morgul
Road to Road to Road to Minas Morgul
Road to Road to Road to Minas Tirith
Road to Road to Road to Pelennor
Road to Road to Road to Anduin
Road to Road to Road to Celebrant
Road to Road to Road to Gulf of Lhûn
Road to Road to Road to Harlond
Road to Road to Road to Harlindon
Road to Road to Road to Tharbad
Road to Road to Road to Sarn Ford
Road to Road to Road to Sarn Gebir
Road to Road to Road to Isengard
Road to Road to Road to Fangorn
Road to Road to Road to Dunland
Road to Road to Road to Gladden
Road to Road to Road to Entwash
Road to Road to Road to Entwade
Road to Road to Road to Eastfold
Road to Road to Road to Anduin Vale
Road to Road to Road to Dagorlad
Road to Road to Road to Morannon
Road to Road to Road to Nindalf
Road to Road to Road to Emyn Muil
Road to Road to Road to Rivers of Rohan
Road to Road to Road to Wold and Rohan
Road to Road to Road to Eastern Road
Road to Road to Road to Southern Road
Road to Road to Road to Dark Road
Road to Road to Road to Road to Rohan
Road to Road to Road to Road to Gondor
Road to Road to Road to Road to Mordor
Road to Road to Road to Road to Nurn
Road to Road to Road to Road to Sea of Nurnen
Road to Road to Road to Road to South Gondor
Road to Road to Road to Road to Anfalas
Road to Road to Road to Road to Pinnath Gelin
Road to Road to Road to Road to Andrast
Road to Road to Road to Road to Tolfalas
Road to Road to Road to Road to Dol Amroth
Road to Road to Road to Road to Lebennin
Road to Road to Road to Road to Sirithlien
Road to Road to Road to Road to Morgul
Road to Road to Road to Road to Minas Morgul
Road to Road to Road to Road to Minas Tirith
Road to Road to Road to Road to Pelennor
Road to Road to Road to Road to Anduin
Road to Road to Road to Road to Celebrant
Road to Road to Road to Road to Gulf of Lhûn
Road to Road to Road to Road to Harlond
Road to Road to Road to Road to Harlindon
Road to Road to Road to Road to Tharbad
Road to Road to Road to Road to Sarn Ford
Road to Road to Road to Road to Sarn Gebir
Road to Road to Road to Road to Isengard
Road to Road to Road to Road to Fangorn
Road to Road to Road to Road to Dunland
Road to Road to Road to Road to Gladden
Road to Road to Road to Road to Entwash
Road to Road to Road to Road to Entwade
Road to Road to Road to Road to Eastfold
Road to Road to Road to Road to Anduin Vale
Road to Road to Road to Road to Dagorlad
Road to Road to Road to Road to Morannon
Road to Road to Road to Road to Nindalf
Road to Road to Road to Road to Emyn Muil
Road to Road to Road to Road to Rivers of Rohan
Road to Road to Road to Road to Wold and Rohan
Road to Road to Road to Road to Eastern Road
Road to Road to Road to Road to Southern Road
Road to Road to Road to Road to Dark Road
Road to Road to Road to Road to Road to Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Mordor
Road to Road to Road to Road to Road to Nurn
Road to Road to Road to Road to Road to Sea of Nurnen
Road to Road to Road to Road to Road to South Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Anfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Pinnath Gelin
Road to Road to Road to Road to Road to Andrast
Road to Road to Road to Road to Road to Tolfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Dol Amroth
Road to Road to Road to Road to Road to Lebennin
Road to Road to Road to Road to Road to Sirithlien
Road to Road to Road to Road to Road to Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Minas Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Minas Tirith
Road to Road to Road to Road to Road to Pelennor
Road to Road to Road to Road to Road to Anduin
Road to Road to Road to Road to Road to Celebrant
Road to Road to Road to Road to Road to Gulf of Lhûn
Road to Road to Road to Road to Road to Harlond
Road to Road to Road to Road to Road to Harlindon
Road to Road to Road to Road to Road to Tharbad
Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Ford
Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Gebir
Road to Road to Road to Road to Road to Isengard
Road to Road to Road to Road to Road to Fangorn
Road to Road to Road to Road to Road to Dunland
Road to Road to Road to Road to Road to Gladden
Road to Road to Road to Road to Road to Entwash
Road to Road to Road to Road to Road to Entwade
Road to Road to Road to Road to Road to Eastfold
Road to Road to Road to Road to Road to Anduin Vale
Road to Road to Road to Road to Road to Dagorlad
Road to Road to Road to Road to Road to Morannon
Road to Road to Road to Road to Road to Nindalf
Road to Road to Road to Road to Road to Emyn Muil
Road to Road to Road to Road to Road to Rivers of Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Wold and Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Eastern Road
Road to Road to Road to Road to Road to Southern Road
Road to Road to Road to Road to Road to Dark Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Mordor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Nurn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sea of Nurnen
Road to Road to Road to Road to Road to Road to South Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Pinnath Gelin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Andrast
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Tolfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dol Amroth
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Lebennin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sirithlien
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Minas Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Minas Tirith
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Pelennor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anduin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Celebrant
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gulf of Lhûn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Harlond
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Harlindon
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Tharbad
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Ford
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Gebir
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Isengard
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Fangorn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dunland
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gladden
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Entwash
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Entwade
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Eastfold
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anduin Vale
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dagorlad
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Morannon
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Nindalf
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Emyn Muil
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Rivers of Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Wold and Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Eastern Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Southern Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dark Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Mordor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Nurn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sea of Nurnen
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to South Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Pinnath Gelin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Andrast
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Tolfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dol Amroth
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Lebennin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sirithlien
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Minas Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Minas Tirith
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Pelennor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anduin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Celebrant
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gulf of Lhûn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Harlond
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Harlindon
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Tharbad
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Ford
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Gebir
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Isengard
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Fangorn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dunland
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gladden
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Entwash
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Entwade
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Eastfold
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anduin Vale
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dagorlad
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Morannon
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Nindalf
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Emyn Muil
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Rivers of Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Wold and Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Eastern Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Southern Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dark Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Mordor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Nurn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sea of Nurnen
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to South Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Pinnath Gelin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Andrast
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Tolfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dol Amroth
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Lebennin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sirithlien
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Minas Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Minas Tirith
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Pelennor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anduin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Celebrant
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gulf of Lhûn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Harlond
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Harlindon
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Tharbad
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Ford
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Gebir
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Isengard
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Fangorn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dunland
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gladden
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Entwash
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Entwade
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Eastfold
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anduin Vale
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dagorlad
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Morannon
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Nindalf
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Emyn Muil
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Rivers of Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Wold and Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Eastern Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Southern Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dark Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Mordor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Nurn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sea of Nurnen
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to South Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Pinnath Gelin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Andrast
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Tolfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dol Amroth
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Lebennin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sirithlien
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Minas Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Minas Tirith
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Pelennor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anduin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Celebrant
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gulf of Lhûn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Harlond
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Harlindon
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Tharbad
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Ford
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Gebir
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Isengard
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Fangorn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dunland
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gladden
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Entwash
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Entwade
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Eastfold
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anduin Vale
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dagorlad
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Morannon
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Nindalf
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Emyn Muil
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Rivers of Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Wold and Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Eastern Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Southern Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dark Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Mordor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Nurn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sea of Nurnen
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to South Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Pinnath Gelin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Andrast
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Tolfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dol Amroth
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Lebennin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sirithlien
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Minas Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Minas Tirith
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Pelennor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anduin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Celebrant
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gulf of Lhûn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Harlond
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Harlindon
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Tharbad
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Ford
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Gebir
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Isengard
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Fangorn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dunland
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gladden
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Entwash
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Entwade
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Eastfold
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anduin Vale
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dagorlad
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Morannon
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Nindalf
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Emyn Muil
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Rivers of Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Wold and Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Eastern Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Southern Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dark Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Mordor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Nurn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sea of Nurnen
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to South Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Pinnath Gelin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Andrast
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Tolfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dol Amroth
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Lebennin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sirithlien
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Minas Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Minas Tirith
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Pelennor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anduin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Celebrant
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gulf of Lhûn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Harlond
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Harlindon
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Tharbad
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Ford
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Gebir
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Isengard
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Fangorn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dunland
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gladden
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Entwash
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Entwade
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Eastfold
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anduin Vale
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dagorlad
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Morannon
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Nindalf
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Emyn Muil
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Rivers of Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Wold and Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Eastern Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Southern Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dark Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Mordor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Nurn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sea of Nurnen
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to South Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Pinnath Gelin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Andrast
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Tolfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dol Amroth
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Lebennin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sirithlien
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Minas Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Minas Tirith
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Pelennor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anduin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Celebrant
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gulf of Lhûn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Harlond
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Harlindon
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Tharbad
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Ford
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Gebir
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Isengard
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Fangorn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dunland
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gladden
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Entwash
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Entwade
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Eastfold
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anduin Vale
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dagorlad
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Morannon
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Nindalf
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Emyn Muil
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Rivers of Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Wold and Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Eastern Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Southern Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dark Road
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Rohan
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Mordor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Nurn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sea of Nurnen
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to South Gondor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Pinnath Gelin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Andrast
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Tolfalas
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dol Amroth
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Lebennin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sirithlien
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Minas Morgul
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Minas Tirith
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Pelennor
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anduin
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Celebrant
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gulf of Lhûn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Harlond
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Harlindon
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Tharbad
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Ford
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Sarn Gebir
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Isengard
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Fangorn
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dunland
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Gladden
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Entwash
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Entwade
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Eastfold
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Anduin Vale
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Dagorlad
Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Road to Morannon



Patrick Rothfuss, O Nome do Vento (2007)

podemos visualizar, e consequentemente, não temos interesse nenhum em explorar.

Um exemplo de boa e longa descrição são aquelas feitas por George R. R. Martin, que ajudaram tantas pessoas a imergir naquele mundo por meio dos banquetes e peças de roupa e armaduras. Contudo, uma boa descrição não precisa ser longa. Exemplos bons e curtos são os feitos pela autora de *Harry Potter*, J. K. Rowling. Não é preciso uma exibição explícita do que é um hipogrifo, pois se consegue enxergá-lo claramente quando a autora o descreve por meio do movimento dos músculos de suas costas enquanto Harry voa nele.

Em *O Nome do Vento*, de Patrick Rothfuss, temos, porém, a deprimente descrição do edifício chamado Arquivo: um enorme bloco de pedra sem janelas. *O Nome do Vento* é um livro maravilhoso, mas algumas descrições deixam muito a desejar.

Existe uma técnica literária chamada elipse narrativa. Essa técnica envolve ocultar do leitor certos detalhes, deixando um espaço que permite que ele o preencha. Como quando um homem está dirigindo, a cena corta e ele está trabalhando em um banco. Não é preciso dizer que ele estacionou, desceu do carro, passou pelo detector de metal, etc. Uma elipse é um espaço, e o espaço é um vazio. Ou seja, uma boa descrição também apresenta elipses.

O vazio é o segredo da arte.

Na época em que a ficção científica nos trazia apenas uma visão futurista límpida e brilhante, *Star Wars* veio com suas naves sujas, marcas de disparos, arranhões e defeitos na pintura. Marcas que contavam uma história sem precisar falar nada. Esse processo chama-se elipses de mundo, ou World Gestalt, como define o teórico Mark J. Wolf — baseado no nome do psicólogo que estudava a habilidade humana de preencher vazios. O mesmo vale para o interior da Nostromo, a nave de *Alien: o oitavo passageiro*, que tinha fotos e penduricalhos iguais aos das cabines de caminhoneiros e, de fato, o que eles eram se não caminhoneiros espaciais?

Simples, sutil e genial.

O SEGREDO DE GEORGE R.R. MARTIN

Estamos vivendo um fenômeno mundial: *As crônicas de gelo e fogo*, série de livros escrita por George R. R. Martin, que vem sendo comparada à obra do próprio Tolkien. De fato, eles têm algo em comum: a dedicação imensa à criação de algo extremamente complexo. Sabemos que Tolkien se dedicou a construção de mundo. Ao mito. Mas, e quanto a Martin? Westeros não parece ser um lugar tão complexo. É como um mundo medieval, de baixa fantasia, sem as diferentes raças centrais e com um mapa baseado no Reino Unido. Não há dúvida de que seu trabalho é fruto de um processo obsessivamente meticuloso, mas sua verdadeira concentração não está na construção de mundo, mas sim em outro lugar: a semiótica.

Para se ser bem simplista, a semiótica é o estudo dos símbolos e dos significados; ou seja, aquilo que percebemos e como percebemos. O grande segredo de George R. R. Martin, e que pode ajudar outros escritores a melhorarem seus trabalhos, é o de que ele se tornou um mestre da semiótica. Martin é um grande criador de personagens. É um estrategista com o conhecimento de um verdadeiro historiador. Mas tudo isso é permeado pela utilização meticulosa dos símbolos.

No início do primeiro livro, têm-se alguns dos personagens centrais encontrando o cadáver de um lobo gigante. Em seguida, eles descobrem que o lobo tinha um pedaço de galhada de veado no pescoço. Ao longo da história, descobre-se que o lobo gigante é símbolo da casa dos personagens principais, assim como o veado é símbolo da casa real — que está prestes a visitá-los, em um encontro que irá mudar o destino de ambas as casas. O fato da galhada ter matado o lobo já é um sinal do futuro agourento que o encontro entre as famílias reserva.

No entanto, o simbolismo é utilizado por Martin de maneiras muito mais intrincadas.

Quando se fala da cor rosa, o que vem à sua mente? Provavelmente delicadeza, amor, pureza. A cor também é comumente associada ao feminino. Além disso, o rosa remete à doçura e ao desejo e, por isso, é muito utilizado em propagandas, como no caso das embalagens de doces.

Martin sabe disso, então, usa a cor rosa no homem esfolado visto no brasão da terrível família Bolton, um símbolo criado a partir do terrível costume de esfolar vivos os seus inimigos. Costume esse que começa a ser relembrado pelo temível Ransay Snow, o descendente bastardo de Roose Bolton. O rosa, quando usado em um homem esfolado, contradiz de maneira muito criativa o que a cor representa e imediatamente a transforma, dentro daquele contexto, em algo grotesco e repugnante. Um resultado que não seria alcançado com o uso do vermelho, mesmo que este remeta à fúria, ao fogo e ao sangue.

Mas como estudar o simbolismo? Como entendê-lo e dominá-lo? A semiótica estuda o significado de tudo, e tudo tem significado. Ela busca compreender o subtexto do mundo. Poetas, compositores e até rappers têm a tendência de serem mestres da semiótica, principalmente das palavras e dos seus significados. Há vários livros sobre a simbologia dos gestos, como *O corpo fala*, de Pierre Weil, e todos os livros de Paul Ekman. Há também outros que introduzem o tema e ajudam a entender como símbolos se formam, o porquê de existirem significados diferentes em povos diferentes, etc. Basta estudar um pouco de arte para ter uma compreensão plural do significado das cores, dos tons e das linhas e do movimento.

Com mais essa ferramenta em seu kit, será possível criar textos com mais expressão, significado e camadas de subtexto. Mesmo que o leitor não perceba de forma explícita, as ideias ocultas irão acessar camadas profundas do subconsciente, em especial por lidarem com o nível intrínseco do significado.

Simone Martini, Guidoriccio da Fogliano all'assedio di Monte Massi (1328-30) — Palazzo Publico, Siena

O CAVALEIRO NÃO TÃO INEXISTENTE ASSIM

O livro *O cavaleiro inexistente*, de Italo Calvino, é uma grande alegoria à situação humana ridicularizada pela imagem social. Ele trata da história de Agilulfo, um paladino de Carlos Magno. O homem, que não existe fisicamente, representa a figura do narciso e o cúmulo da exteriorização do *self*. O cavaleiro é apenas aquilo que os outros veem: uma carapaça imaculada e perfeita, mas que por dentro é vazia, solitária e incompleta. Essa escolha de protagonista mostra, de forma irônica, o homem moderno e faz graça dos tão adorados romances de cavalaria — que acabam sendo rasos e previsíveis.

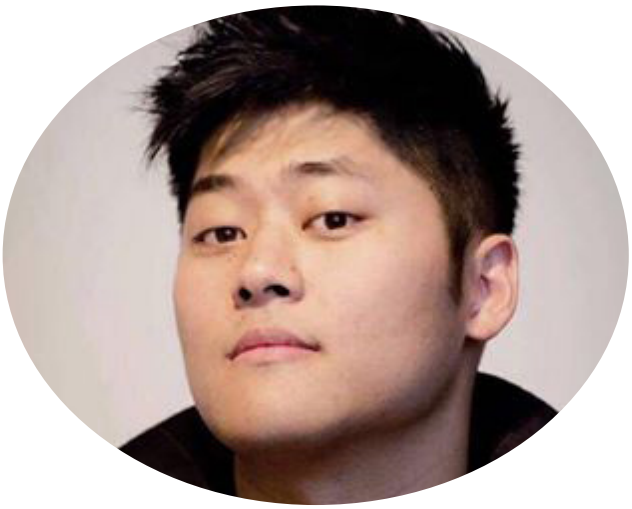
A história de Agilulfo é contada pela freira Teodora, que não entende nada da vida, da guerra ou de amores. Ela narra os relatos que ouviu e leu em documentos, mas de resto está simplesmente imaginando o que poderia ter sido.

Agilulfo não possui uma forma física, não dorme e nem come. O cavaleiro diz não compreender os anseios e sentimentos dos outros, mas a verdade é que ele é preenchido pelo desejo de existir, e isso lhe faz ter inveja daqueles que desperdiçam a vida com banalidades. É um personagem perfeitamente verossímil na história, tanto que nem mesmo Carlos Magno duvida dele.

Esse livro poderia ser considerado como pertencente ao gênero maravilhoso — de acordo com as definições de Todorov apresentadas no livro *Introdução à literatura fantástica* —, mas, por se tratar dos relatos imaginários de uma freira inexperiente, o efeito se anula. Então, a narrativa passa a se encaixar mais no gênero estranho, uma vez que o fantástico é justificado pela presença de Teodora.

Além da grande alegoria que é o próprio Paladino, no livro há diversas situações e personagens absurdos. Por exemplo, a cavaleira Bradamante, que sonha com o amor do cavaleiro imaculado e perde seu prestígio social por se agarrar a uma fantasia inalcançável. Aqui, parece haver uma crítica às fantasias amorosas daqueles que se recusam a encarar a realidade.

E há, ainda, a contraposição de Gurdulu — homem que não tem consciência de existir, que age seguindo seus sentimentos e sensações, sendo feliz e não se preocupando com a própria imagem — com Agilulfo — homem engessado que age apenas com precisão e lógica, preocupado com a imagem e a reputação — evidencia o auge da alegoria de Calvino.



Alexandre Tso

Ilustrador realista, mineiro e determinado. Conheça um pouco sobre este incrível artista!

LT — Quem é Alexandre Tso? Qual sua formação, onde vive, do que se alimenta?

Tso — Nasci e moro em Belo Horizonte. Cursei design gráfico durante alguns anos, mas não cheguei a me formar. Infelizmente, para quem sonha em ser ilustrador não existe um curso específico. A maioria de nós acaba optando por design ou belas artes, mas ambas… não atendem realmente ao que queremos. E, como um bom mineiro, não recuso um pão de queijo e um cafezinho!

LT — Qual é o significado de arte para você?

Tso — Arte para mim é o ponto de vista de cada indivíduo. É o conjunto das experiências vividas pelo artista, a soma de sua paixão/dedicação e a maneira que ele tem de expressar tudo isso em uma obra, seja no ramo de ilustração, música, artes cênicas ou qualquer outra vertente.

LT — Quais artistas você diria que são uma inspiração para você?

Tso — Vários! Takehiko Inoue, Drew Struzan, James Jean, Da Vinci e Alfons Mucha são alguns deles, mas a lista continua muito mais.

LT — Como você encontrou o seu estilo como artista?

Tso — Eu não diria que encontrei 100% meu estilo ainda. Me questiono bastante qual direção seguir, mas, por ser um artista meio obcecado com detalhes e texturas, eu gosto dos desafios que o realismo me proporciona, então acabo tendendo mais para esse lado.

LT — Quando rolou seu primeiro trabalho profissional?

Tso — Pouts, faz tanto tempo que não sei se lembro qual foi o primeiro. Se não me engano, foi uma coleção de roupas de uma marca famosa na época. Trabalhei pintando as estampas das camisas e calças uma a uma, manualmente.

LT — Como é empreender na área de ilustração no Brasil? Já se considera estabelecido na estrada da independência artística?

Tso – Desenhar sempre foi minha paixão.

Infelizmente, eu não consigo me dedicar 100% à ilustração. Tenho um comércio e trabalho em outros projetos paralelos fora do mundo da ilustração, mas isso nunca me impediu de continuar trabalhando na área na medida do possível. Quem sabe um dia eu consiga focar apenas nisso e evoluir bem mais?!

LT – E como é o seu processo criativo?

Tso – Toda ideia parte de um layout. Faço alguns estudos para decidir qual a melhor direção tomar com relação à composição dos elementos. Depois que decido isso, por ser um artista mais voltado para o realismo, eu acabo tendo que recorrer bastante a referências quanto às poses mais complexas. Procuro na internet o que mais se encaixa no que eu quero, ou tiro foto das pessoas ao meu redor. A partir daí, eu faço o desenho a lápis e faço a arte final com nanquim. Alguns desenhos eu dou um acabamento com aguada de nanquim e, em outros, uso marcadores. Isso depende muito do resultado que eu quero para aquele trabalho em específico. Terminada essa parte, eu tenho duas opções: ou eu faço a cor do desenho digitalmente (uso o Photoshop) ou faço a cor dele de forma tradicional (misturo aerografia e lápis de cor).

BATE E VOLTA

Um livro: *Senhor dos Anéis*

Um filme: *Indiana Jones e a última cruzada*

Uma série: *The Office*

Um super-héroi: *Homem Aranha*

Um jogo: *Zelda – A link to the past*

LT – Você tem novos projetos a caminho?

Tso – Atualmente, além de algumas encomendas privadas, eu tenho alguns quadrinhos em parceria em pré-produção, e todo ano eu participo do inktober e lanço alguns de forma impressa.

LT – Na sua opinião, qual é a maior dificuldade para quem está entrando no ramo das ilustrações agora?

Tso – Acredito que o maior obstáculo que as pessoas enfrentam são elas mesmas. Muitas pessoas se pressionam demais achando que o trabalho não é bom o suficiente ainda, se sentem inseguras e se comparam demais com outros profissionais que estão no mercado há muito mais tempo. Outras ficam com vergonha de mostrar o que fazem e ficam escondidos.

LT – Algum conselho para quem está começando ou tem dúvidas sobre a carreira de ilustrador?

Tso – Acho que o primeiro passo é acreditar em si mesmo, entender que amanhã você vai ser melhor do que hoje, e que depois de amanhã você vai ser melhor do que amanhã. Então não existe essa de "esperar estar mais preparado" para poder tentar algo e se mostrar para o mundo. O que você tem que fazer é dar o melhor de si naquele momento. Sempre vão existir pessoas que vão amar o que você faz e pessoas que não vão gostar. Então resta extrair o que tem de bom nas opiniões alheias e trabalhar para melhorar cada vez mais. Só não pode achar que é o melhor do mundo por conta dos elogios, e nem achar que é o pior por conta das críticas negativas. Mantenha sempre os pés no chão e o foco nos estudos. E, claro, o mais importante: você tem que se divertir fazendo aquilo que ama!

alexandretsoillustration alexandretso tsoalexandre@gmail.com

MITHOS

O nosso diferencial é querer dar prioridade àqueles que querem seguir carreira artística. Queremos nos tornar um outdoor de futuros grandes autores. E, por isso, nossa intenção é a de que essa não seja a última vez que você irá ouvir falar dos escritores e artistas que nós publicamos. Todos eles terão prioridade quando o assunto for notícias a respeito de suas carreiras em nossas páginas, até que sejam finalmente abraçados por editoras e possam alçar seus próprios voos.

A verdade é que pretendemos descobrir mais sobre a nossa própria identidade junto ao leitor. Gênero é uma coisa complexa e temos apenas uma ideia muito ampla a respeito do que a revista pretende abordar: fantasia, ficção científica, terror e suspense. Contudo, existe um infinito nas entrelinhas desses gêneros, sem falar daquilo que existe na margem. O que você acha? Quais são os limites? Até onde deveríamos ir?

Nesta edição

Mais de cinquenta autores nos confiaram seus contos, e abraçamos a responsabilidade com orgulho. Foram tantos textos bons que ficou muito difícil escolher os melhores. Acabamos usando critérios muito específicos para os contos. Ficamos aliviados de termos adotado antes a medida de conservar os que não puderam ser publicados agora para uma nova chance na próxima edição. Confira os selecionados desta edição a seguir!

VISITA AO CAVALEIRO NEGRO

Acordei sozinha em um quarto branco com fios de um monitor conectados a mim e algemada pelo pulso ao trilho de metal da cama. Ainda um pouco desorientada, apertei o botão ao lado da cama para pedir ajuda, mas ninguém veio. Gritei por socorro, nada.

Somente meia hora depois, quando já sentia minha mente clara, tive a ideia de arrancar os fios que monitoravam meus sinais vitais. Meu plano para trazer alguém ao quarto funcionou, pois pouco depois entrou uma mulher loira e alta, usando um jaleco branco. Embora estivesse vestida como médica, não me examinou. Nem ao menos me cumprimentou.

Exigi uma explicação sobre o tratamento que estava recebendo, um absurdo completo. Como poderia uma cientista que não fez nada além de seu trabalho ser algemada à cama de um hospital?

Além de uma prancheta, ela trazia uma câmera, que montou sobre um tripé, apontando a lente em minha direção. Então puxou uma cadeira e sentou-se, informando que tinha vindo para me interrogar.

Pedi um advogado.

— Não precisa de advogados. Vamos começar — foi a resposta gelada que recebi.

— Tenho certeza de que isso é um engano, seja lá o que for — retruquei, chacoalhando a mão presa pela algema.

De pernas cruzadas, ela começou a sacudir um pé no ar, demonstrando impaciência.

— Se for um engano, deixaremos você ir assim que tudo for esclarecido.

Eu insisti. Queria saber o que estava fazendo ali, o motivo de estar algemada, e também queria saber quem era ela, mas meu esforço de conseguir qualquer resposta foi inútil. A mulher não cedeu. Em vez disso, ameaçou chamar os militares para tomar seu lugar, assegurando que seria melhor eu tê-la como minha entrevistadora.

Aquele diálogo começava a me assustar e intimidar. Eu nunca fui do tipo valentão. Nunca fui durona. Como eu poderia resistir? Como poderia sair de lá ou mesmo conseguir comida e água se me recusasse a cooperar? Suspirei e assenti com a cabeça.

— Excelente — comentou, sem qualquer tipo de emoção. — Vamos começar do início. Diga-me seu nome, sua posição e responsabilidades — disse ela com rispidez, a ponta da caneta sobre o papel, pronta para tomar notas.

— Meu nome é Laura O'Brien, especialista em códigos. Fui designada pela NASA para entrar no Cavaleiro Negro e tentar entender o seu propósito.

— O Cavaleiro Negro. Me fale mais sobre isso.

Essa pergunta me surpreendeu. Por que ela queria saber sobre o Cavaleiro Negro se aquilo já não era mais segredo para ninguém?

Suspirei. Se era necessário falar o óbvio para sair dali, eu falaria.

— O Cavaleiro Negro é um enorme satélite artificial que pesa mais de 10 toneladas e está orbitando a cerca de 500 milhas do planeta. Suponho que você tenha esse tipo de informação, certo?

Não havia nenhuma expressão nos olhos dela.

— Não faça perguntas. Apenas responda às minhas... O que mais?

— No início, não sabíamos quase nada sobre ele. Tudo o que tínhamos eram perguntas: por que e por quem foi enviado ao nosso planeta? Estavam usando aquilo para tentar se comunicar conosco? Por que orbita principalmente sobre as regiões polares? E assim por diante.

— Como e quando ouviu falar do Cavaleiro Negro pela primeira vez?

Expirei aborrecida, mas sabia que não havia alternativa. Teria de responder ao interrogatório da misteriosa mulher.

— O grande inventor Nikola Tesla foi o primeiro a captar um sinal daquele satélite em 1899, usando um dispositivo de rádio de alta frequência em Colorado Springs. Tesla afirmou que o sinal era uma tentativa de comunicação, mas estava codificado.

Ela não olhava para mim. Conservava a vista baixa, concentrada em escrever tudo o que eu falava.

— Só isso? — indagou a mulher, sem erguer o rosto.

Naquele ponto, eu já sabia que ela não era uma funcionária da NASA. Talvez fosse uma espiã de um governo estrangeiro. Mas eu não estava dando qualquer informação secreta, já que a NASA tinha divulgado todos os dados sobre o Cavaleiro Negro. Bastava uma busca na internet para obter as mesmíssimas informações que eu estava passando a ela.

— Não. Claro que não. O mesmo sinal foi interceptado muitas outras vezes na década de 1920. Com o avanço da tecnologia, os astrônomos passaram a captar sinais com mais frequência, embora não soubessem ao certo qual era a fonte.

— Por que não? — ela me encarou com desconfiança.

Sacudi os ombros.

— Naquela época, nenhuma nação possuía tecnologia para lançar satélites ou para produzir equipamentos capazes de fotografar um objeto em torno do planeta.

Eu estava cansada, com sede e fome, mas tinha a certeza de que seria uma perda de tempo pedir algo a ela. A única coisa com a qual a mulher se preocupava era aquela entrevista inútil.

— Quando e como você teve conhecimento da existência do Cavaleiro Negro? — ela perguntou, indiferente.

— A mídia começou a falar mais abertamente sobre a possibilidade de uma fonte de sinais estranhos orbitando o planeta nos anos de 1940, mas sua presença foi confirmada apenas na década seguinte, quando a União Soviética lançou Sputnik, o primeiro satélite artificial do mundo. Depois disso, um comitê formado por cientistas de diferentes campos começou a estudar o objeto.

— Você faz parte do Comitê?

— Afirmativo. Comecei o trabalho há cerca de dez anos, analisando todos os dados relacionados aos sinais, que são, de fato, um código.

— Decifrou o código? — ela indagou e, dessa vez, percebi que havia um certo brilho em seus olhos.

Confirmei com um sorriso arrogante, que até mesmo eu estranhei.

Ela fez uma pausa, olhou para mim por alguns segundos e disse:

— O que descobriu?

— O Cavaleiro Negro é, como muitas pessoas previram, um objeto de origem extraterrestre. Veio para nossa órbita há cerca de 13 mil anos. Sua origem é um planeta localizado no sistema da estrela Izar, na constelação Boötes.

Ela não me perguntou qualquer coisa por um bom tempo, mas seus olhos, mais uma vez inexpressivos, estavam grudados em mim. Finalmente, disse:

— Feita a descoberta, qual foi o próximo passo?

Naquela altura, comecei a pensar que a coisa toda era uma piada.

— Você deve estar brincando comigo! Isso foi relatado por cada jornal, revista científica, programa televisivo e de rádio no planeta.

— Responda! — sua voz era baixa, mas extremamente ameaçadora.

Respirei fundo, mordendo a língua para não a mandar para o inferno.

— Sabíamos da sua origem, mas também precisávamos descobrir sua finalidade. Por isso, me ofereci para ir até o Cavaleiro Negro e estudá-lo.

— Quando começou a missão?

— Parti no dia 21 de dezembro.

— De que ano?

— Este ano. Há poucos dias.

— Diga o ano.

— 2009. 21 de dezembro de 2009.

— Você foi sozinha?

— Sim.

— Por quê?

— Razões de segurança. A NASA não queria colocar pessoas não essenciais em risco, então fui selecionada para entrar primeiro e gravar tudo. Se o lugar fosse seguro, outros iriam mais tarde.

— Por quanto tempo você ficou lá?

A pergunta ativou minhas memórias daquele momento específico. A sensação de medo e excitação diante do desconhecido. Lembrei-me de estar no vazio entre a nave e o Cavaleiro Negro, e tudo o que eu tinha para me manter conectada à minha nave era um cabo flexível e fino, como um cordão umbilical.

Quando alcancei o Cavaleiro Negro, me agarrei a ele e continuei a missão. Algum tempo depois, consegui abrir uma passagem para dentro do satélite.

O Cavaleiro Negro era preto não apenas pelo lado de fora, mas também por dentro. Muito devagar e com cuidado, avancei. Oh Deus! Eu estava com tanto medo! Não sabia o que esperar, e tinha uma sensação infantil de que algum monstro poderia estar à espreita na escuridão, pronto para me despedaçar. Foi quando comecei a sentir um toque fantasmagórico correndo pela minha pele e me deixando arrepiada.

— Fiquei lá apenas por alguns minutos — respondi, finalmente.

— Havia mais alguém?

— Dentro do satélite? — franzi o cenho. — Não, claro que não.

— O que aconteceu então?

— Comecei a ver tudo embaçado. Acho que havia algum tipo de atividade magnética, elétrica ou radioativa me afetando. Também não descarto a possibilidade de que eu estivesse muito nervosa e amedrontada. O fato é que

me senti tão mal que fui forçada a abortar a missão e sair dali antes que acabasse desmaiando. Voltei para minha nave e perdi a consciência. Felizmente, a nave tem um sistema de autonavegação. O controle da missão, na Terra, me trouxe de volta. A próxima coisa que lembro foi acordar aqui.

Ela se levantou e caminhou até a câmera para desligá-la.

— Acho que isso é tudo que precisamos saber por enquanto.

— Você disse que eu poderia ir se respondesse às suas perguntas.

— Eu falei que você poderia ir se esclarecesse a situação. Mas, até agora, suas respostas apenas tornaram tudo ainda mais complicado.

— Como assim? — questionei em pânico.

Ela cruzou os braços, já ao lado da porta.

— Direi exatamente por quê. Porque o Cavaleiro Negro não é extraterrestre, mas um satélite que lançamos em 1972 para pesquisar as regiões polares e medir seu tamanho e espessura, já que nosso planeta vem sofrendo um aquecimento contínuo há algumas décadas. Porque você não é a mesma pessoa que foi enviada ao Cavaleiro Negro para fazer a manutenção de rotina, e nós queremos saber o que aconteceu com o técnico que estava verificando o equipamento dentro do satélite. E principalmente porque nosso planeta está localizado no sistema da estrela Izar, na constelação Boötes.

Lu Evans

É formada em Jornalismo pela UFPB. Começou a carreira artística no teatro, trabalhando como atriz, dramaturga, diretora e produtora.

Atualmente gerencia o selo literário Nébula nos EUA, através do qual publica obras clássicas do gênero fantástico, além de produzir conteúdo e atuar como apresentadora do Canal Nébula.

Lu se dedica à produção do gênero fantástico: "A Princesa das Águas" (Zylgor 1); "O Príncipe Flamejante" (Zylgor 2); "A Princesa dos Ventos" (Zylgor 3); "O Senhor dos Abismos" (Zylgor 4); "Hili" (scifi romântica); "Somniis" (distopia); "Teatro" (com 20 histórias que misturam contos de fadas e fábulas contadas no formato de peças de teatro para crianças).

CRÔNICAS DA MATILHA

No início, nós estávamos sozinhos, com fome e frio. Havia pouca caça e o inverno não tinha fim. Foi nessa época que entramos em contato com os Duas Patas pela primeira vez. Essa é a história da Grande Matilha, do nosso povo, passada de mãe para filhote, a cada lua cheia.

Os Duas Patas viviam como nós, em pequenos grupos nômades, caçando para sobreviver. De imediato, houve um sentimento amistoso de ambas as partes. Tanto os nossos ancestrais como os deles perceberam que nossos povos seriam mais bem-sucedidos juntos do que como rivais. E assim o foram. O vínculo de amizade e companheirismo que existia entre um de nós e um deles era forte. Dizem que cada um de nós tinha o seu irmão ou irmã de espírito, que era um deles, uma ligação tão poderosa que, quando um dos dois morria, o outro ficava fraco, doente, e também morria logo depois.

Nossas expectativas de vida e tempo de reprodução eram semelhantes. Um jovem dos nossos tinha a mesma idade de um jovem deles, assim como anciãos deles tinham a mesma idade que os nossos. Conseguíamos nos comunicar através de uma aguda intuição, que não dependia em nada de palavra ou som algum, nem mesmo olhares, apenas sentimentos e intenções, algo que às vezes eles chamavam (erroneamente) de "telepatia".

Juntos, nós sobrevivemos ao Grande Inverno, uma conquista mais grandiosa do que aparenta, não alcançada por muitas espécies mais fortes à época. Nós demos tudo a eles. Serviço, proteção, lealdade e amor incondicionais. É muito comum o vínculo entre um de nós e um deles ser mais forte do que entre aqueles da mesma espécie. Eles confiavam em nós mais do que nos próprios irmãos e irmãs, e vice-versa. Dez mil ou mais pequenos invernos se passaram desde então, e a matilha continuou com os Duas Patas por todas as luas. Mas eles não continuaram conosco.

A verdade é que Os Duas Patas se afastaram do mundo espiritual. Eles já não eram mais capazes de nos sentir, de comunicarem-se conosco. Com o passar das estações, eles ficaram mais arrogantes e cruéis, e os que antes eram iguais e irmãos, se tornaram mestres e escravos. Eles nos forçaram a caçar mais do que o necessário, trazendo desequilíbrio e caos ao mundo, nos usaram em suas guerras e conquistas, colocando-nos uns contra os outros. Mantiveram-nos confinados em espaços cada vez menores e nos abandonaram lá, como uma mera ferramenta para guardar suas riquezas. Muitas vezes, quando períodos de grande escassez caíram sobre a terra, eles se voltaram contra nós e se alimentaram de nossa carne sem nosso consentimento e, depois, em alguns lugares, continuaram fazendo isso por prazer, mesmo quando já havia outras formas de alimento disponíveis. Colocaram coleiras nos nossos pescoços e nos usaram para entretenimento barato em circos e arenas, onde éramos humilhados por comida, ou jogados uns contra os outros até a morte para que os Duas Patas apostassem e se divertissem. Forçaram cruzas que não deveriam acontecer, deformando-nos ao longo das gerações, nos drogaram e testaram suas experiências científicas em nossos corpos, muitas vezes enquanto ainda estávamos vivos e agonizando de dor. Tudo em nome do poder, da ganância e de caprichos excêntricos. Eles perderam a honra e a alma incontáveis luas atrás. É claro que há exceções, mas elas foram cada vez mais restritas e raras, gotas de água doce no oceano.

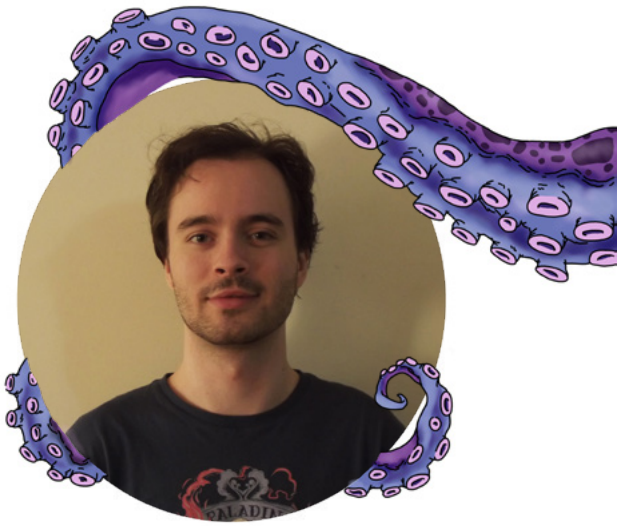
Acreditávamos que os Duas Patas fossem a nossa salvação, mas, no fim, eles não conseguiram salvar nem a si mesmos.

Não faz muitas luas cheias, algo terrível aconteceu. Ainda não entendemos direito o quê exatamente, mas o mundo passou por uma grande mudança. O ar cheira diferente. Lembro-me da noite em que isso se passou, um inferno de sons: sirenes, explosões, gritos. O meu Duas Patas, que sempre foi indiferente a mim, caminhava de um lado para o outro na sala de estar, suando, exalando a fragrância do medo. Ele foi até o quarto e voltou com uma arma. Apontou-a bem para minha cabeça e hesitou. Não conseguiu puxar o gatilho, nem de olhos fechados. Ele sentou no chão enquanto desabava em choro e eu me aninhei em seu colo e o acompanhei, tentando confortá-lo. O amava muito, apesar da frieza e da distância com que me tratou por grande parte de nossa estada juntos. Muito tempo se passou ali, enquanto ele tremia, e seu peito fazia movimentos rápidos e pesados de um coração que parecia à beira do colapso. Apesar de todo o caos barulhento que vinha da rua, adormeci em seus braços. Acordei com o som de um disparo seguido da queda de um corpo. Uma das vantagens que os Duas Patas possuem sobre nós é a capacidade de poder se matar de diversas formas diferentes. Se eu quisesse seguir o caminho que ele escolheu, por exemplo, teria que pular de um lugar alto ou me atirar no mar.

Talvez eu tenha mesmo que fazer isso. Sinto um novo Grande Inverno chegando. A vegetação está sumindo e cinzas não param de cair do céu, que é sempre noturno.

Diferente de muitos da matilha, tive muita sorte, pois a porta da casa estava aberta e eu pude sair. Dói-me só de pensar quantos de nós morreram de fome por não conseguir sair de casa após a morte do seu Duas Patas. As portas e janelas foram feitas, afinal, para que eles abrissem e fechassem, não nós. O mundo lá fora era uma ruína de guerra. Havia destroços e corpos por tudo, carros destruídos, árvores derrubadas, casas em chamas. Como disse, não sei qual é a causa disso, mas o fato é que todos os Duas Patas morreram ou sumiram. Era nisso que eu acreditava, até uma lua atrás.

Os Duas Patas como nós conhecíamos se foram, mas há outros que se parecem com eles vagando por aí. Seus olhos não focam em nada e eles andam muito devagar e a esmo. Não acredito que possamos segui-los ou nos unirmos a eles. Os Duas Patas, por mais corrompidos que possam ter se tornado, nunca perderam seu fogo, sua paixão. Eles sempre foram adiante e desbravaram novos caminhos, mesmo que por meios e para fins perversos. Nunca desistiram de sobreviver e de se impor ao mundo. Esses novos são apáticos. Eles não fazem fogo, não caçam, não erguem cabanas, nem dançam ou cantam. Eles têm cheiro de morte.



Lucas Viapiana Baptista

Às vezes eu pego um sentimento e tento transcrevê-lo em palavras. Cada conto, um frasco de perfume com uma fragrância diferente, um drink colorido, com gosto e textura próprios e distintos dos demais.

SOB A TERCEIRA ÓRBITA

Não seria esta a primeira vez que enfrentaria tal circunstância: durante uma viagem de pequena expansão, quatro anos atrás, eu percorria a singularidade H14, com o plano original de emergir no quadrante T22, quase no limite de sua extremidade inferior. Foi na primeira metade do trajeto que os sistemas, sem qualquer aviso, passaram ao modo convencional. Na falta de opções, acabei por emergir em meio a um conglomerado de planetas e astros de segunda ordem e, sem muito critério, pousei manualmente naquele que me pareceu mais próximo.

O problema ocorreu porque o navegador havia perdido suas coordenadas, e não foi difícil encontrar a causa. A saturação de partículas gama chegava a exatos vinte e oito pontos! Obviamente que isso só poderia significar uma coisa: fulguração de raios gama, causada por explosão de supernova. Analisando o nível de saturação nos diversos quadrantes, concluí tratar-se da Ras Algethi, uma gigante vermelha que há séculos inchava sem parar. Finalmente havia acontecido. Assim, precisei aguardar sobre aquele corpo rochoso e inerte, por duas longas semanas em completa solidão, até que o nível gama chegasse próximo ao normal, quando então reprogramei tudo e fui embora sem maiores complicações.

Valeu a experiência. Desta vez não fiquei tão apreensivo. Já era condutor experiente. Sabia que o transporte emergira porque o navegador, sem as coordenadas, não poderia acompanhar o trajeto mapeado da singularidade espaço-tempo. Sabia também que a estabilização dos níveis de radiação gama poderia demorar algum tempo e que, portanto, deveria procurar um planeta, dando preferência àquele onde as condições ambientais não exigissem um consumo elevado de energia. Em outras palavras, onde o meio ambiente fosse o mais semelhante possível ao meu mundo natal. Depois, nada mais a fazer além de esperar. Ademais, não havia como reingressar no túnel espaço-tempo sem o sistema para indicar o Horizonte de Eventos mais próximo. Sem o navegador, não possuía sequer uma noção de onde estava. Desta vez não existia nada familiar à minha volta. Apenas um sistema isolado, com um pequeno sol amarelo e alguns poucos planetas, reféns de sua gravidade.

Com todo o tempo do Universo a meu dispor, aguardei o retorno da sonda dirigida ao corpo celeste que me pareceu mais amistoso. Foram três órbitas completas para escanear todos os detalhes.

Reclinei o assento preguiçosamente e observei o relatório. E o que vi me agradou: considerável presença de atmosfera, e não corrosiva. Pressão, temperatura e níveis de radiação razoáveis, além de uma força gravitacional suportável. Com um traje leve e um pouco de disposição, poderia até explorar os arredores. Parecia uma excelente forma de combater o tédio durante a espera, que certamente seria de muitos dias.

A análise topográfica mostrou grande parte da superfície coberta por matéria em

estado líquido e... muito interessante... perfis topográficos contínuos e regulares, com certeza de origem artificial! Então, seria possível haver ali um planeta habitado, ou no mínimo uma base avançada.

Notei o reflexo de minha própria face no bólido translúcido que envolve a cabine. A expressão animada, repentinamente tornou-se taciturna: os dados escaneados não retornaram qualquer resposta no Cadastro Geral de Mundos Colonizados. Isso podia significar, entre outras coisas, apenas um reduto abandonado. Em contrapartida, poderia indicar também a presença de esconderijos ou bases clandestinas, onde haveria a possibilidade de me deparar com contraventores pouco amistosos.

Diante da perspectiva de várias semanas isolado em uma rocha fria e monótona, acabei optando por uma aproximação estratégica, circundando, tangencialmente, em uma órbita cada vez mais baixa. Foi quando percebi outros indícios de que não estaria sozinho naquele lugar: localizei estruturas rudimentares flutuando em órbitas pouco delineadas, cuja aparência e função me pareciam completamente desconhecidas. Os sensores, poucas informações trouxeram, indicaram apenas a presença de pequenas emissões de energia, nada significativo ou perigoso.

Já na segunda translação, a proximidade foi suficiente para uma visão parcial de sua superfície. Uma visão surpreendente: as poucas porções de relevo que não se encontravam submersas, estavam quase totalmente tomadas por construções artificiais, com formas variadas e desconhecidas. Indubitavelmente, o planeta era habitado, e mais que isso, por vida inteligente!

Tantos foram os séculos em que julgamos estar sós, isolados na vastidão do Universo Conhecido. E agora isto! Diante de meus olhos, um planeta inteiro, que, embora não fosse muito grande, havia permitido o florescer de uma raça inteligente. A excitação veio misturada ao medo do desconhecido. Precisava ver aquilo de perto, ao mesmo tempo em que temia alguma forma de hostilidade. Caso fossem hostis, não haveria qualquer possibilidade de defesa, já que meu veículo não era equipado para situações de confronto.

Enquanto me aproximava e captava melhor as imagens da superfície, essas preocupações foram se dissipando. Na verdade, meu julgamento foi de que não poderiam fazer-me qualquer mal, ainda que desejassem. Pareciam muito atrasados tecnologicamente. Havia habitações primitivas e maquinarias elementares. Pude observar, inclusive, a existência de criaturas inferiores, subjugadas para o trabalho, coisa que deixamos de fazer há milhares de anos...

Ainda não podia ver nitidamente, mas aquelas formas deveriam ser muito parecidas conosco em nossa fisiologia. Locomoviam-se em duas pernas e certamente sua altura era superior à nossa. Mal sabia, naquele momento, que tais semelhanças aí se esgotariam...

Ainda que não pressentisse perigo, cuidei de pousar em meio a uma área desabitada, uma longa extensão em que não eram encontradas as tais estruturas artificiais. O navegador estava quase inoperante, então, passei tudo para o modo manual. Seria divertido executar um procedimento de pouso manual, depois de tanto tempo.

Foi então que meus problemas começaram: com o transporte navegando manualmente e meus reflexos pouco treinados, tornei-me vulnerável. E tão logo

adentrei a atmosfera, surpreendi-me com a aproximação de dois estranhos veículos.

Tratava-se de máquinas rudimentares. Atentei para o sistema de propulsão elementar, extremamente lento e com dirigibilidade quase inexistente, o que me levou a supor que fossem inofensivos. Lamentável engano! Antes que pudesse esboçar qualquer reação, um projétil saído de um deles arrancou-me parte do casco.

A partir daí, nada mais pôde ser feito para manter a sustentação e preparei-me para a inevitável queda no planeta desconhecido. Durante o pouso, procurei dirigir toda a energia para o sistema do Invólucro Defletor, visando aumentar minhas chances de sobrevivência. Mas esse não era meu único problema: a avaria no casco colocou-me em contato direto com a atmosfera daquele mundo.

Não houve tempo para vestir o traje e já sentia o efeito daquele composto de gases e bactérias desconhecidas penetrando em meus pulmões. A dificuldade em respirar tornou-se insuportável e as vias respiratórias queimavam tanto, que mal percebi quando o transporte bateu na superfície arenosa, de forma oblíqua, cavando um fosso estreito por quase um quilômetro, antes de parar.

Não sei precisar por quanto tempo fiquei desacordado. Uma forte pressão nas costas me trouxe novamente à consciência. Não creio que estivesse machucado, mas a força gravitacional elevava meu peso a um patamar ao qual meu esqueleto não estava habituado. Tentei levantar-me, mas o peso e o custo em respirar dificultavam meus movimentos. O invólucro defletor mostrou-se eficiente em proteger o transporte durante a queda, lamentei apenas não o ter acionado antes do ataque.

Parte do bólido não fora coberto pela areia e por ali tive o primeiro contato visual com aquele mundo alienígena. Solo arenoso. Apenas areia por todos os lados. Os únicos objetos que pude identificar eram partes do equipamento. Vi também alguns componentes do traje, espalhados próximos ao transporte. Decidi chegar até eles, pois disso dependeria minha vida. Arrastei-me pesadamente para fora do veículo e só então pude notar a radiação à qual estava exposto. A claridade era intensa, a ponto de me ferir os olhos e fazer arder a pele.

O calor era forte e seco. A diferença na densidade da atmosfera afetava a propagação dos ruídos que chegavam a mim: metálicos, abafados, não identificáveis como algo que já houvesse escutado. Entretanto, podia perceber exatamente de onde provinha os sons e, voltando o rosto para aquela direção, os vi pela primeira vez.

Seus corpos estavam protegidos por trajes de cor clara. Possuíam o dobro de minha altura e sua constituição era muito forte. Trabalharam em silêncio o tempo todo, não tentaram qualquer forma de contato. Apenas fui carregado.

Só mais tarde, chegando a suas instalações pude ver seus rostos. Isolado em uma espécie de saleta com paredes transparentes e temperatura agradável, o mal-estar melhorou um pouco. Minha maior dificuldade ainda era a respiração. Arquejava muito, tentando desesperadamente retirar daquela atmosfera os nutrientes necessários ao meu organismo.

Apesar de abalado, passei a observar com interesse tudo que me circundava. Minha atenção voltou-se de imediato para eles. Como descrevê-los? Horrendas criaturas. Já não usavam seus pesados trajes e se aproximavam da parede, um a um, estudando-me com curiosidade e

espanto. Minha primeira impressão foi a de que se tratava de criaturas primitivas, certamente em uma escala de evolução muito inferior à nossa.

Uma espécie de penugem rala recobria o corpo todo, com pequenos tufos que se sobressaíam sobre a cabeça e acima dos olhos. Olhos muito pequenos, talvez devido à grande quantidade de radiação incidente sobre o planeta. Olhos minúsculos e terríveis, com uma expressão que não soube identificar. Talvez espanto e ódio. Chamou-me a atenção também a alvura de suas peles, especialmente o rosto, onde uma protuberância acima da boca tornava a aparência ainda mais extraordinária. O que dizer das pequenas cartilagens, anexas à porção média da cabeça, como ventosas irregulares? E as mãos? Dedos grossos e numerosos. Verdadeiros monstros.

Passado o susto inicial, voltei-me ao ambiente: os objetos pareceram-me bizarros. As criaturas deveriam possuir uma predileção pelas formas retas e obtusas. Pouco do que se via no local lembrava elementos esféricos ou arredondados. O mais curioso de tudo: havia um pequeno gráfico, afixado em um local próximo. Da posição onde me encontrava, podia contemplá-lo com certa facilidade. Olhei com atenção e em pouco tempo concluí tratar-se de uma representação tosca, muito primitiva, de um sistema planetário.

Pequenos círculos traçados de forma grosseira representavam os corpos celestes. Cada um deles trazia abaixo de si uma estranha simbologia. Tratava-se, com certeza, de sua nomenclatura.

Intuitivamente supus que o círculo sob a terceira órbita, destacado na cor azul, corresponderia, pela ordem adotada, ao planeta onde nos encontrávamos. Sua codificação era composta por apenas cinco caracteres, incomuns e indecifráveis para mim: **T E R R A.**

Davi M Gonzales

Davi M Gonzales é residente em São Caetano do Sul/SP. Vem publicando seus contos regularmente, como resultado de concursos literários ou na submissão a editoras. Possui inclinação para o fantástico, em especial a Ficção Científica e seus subgêneros.

O PISTOLEIRO QUE MATOU O DIABO

Sei que é difícil acreditar na maioria das histórias já contadas pela humanidade, principalmente aquelas que envolvem algum tipo de situação sobrenatural, ou o dedo de alguma divindade. Por isso, muitas vezes, preferimos ignorá-las quando as ouvimos, ou nos esconder no humor. Era o que fazíamos quando meu avô resmungava que o Diabo não estava mais vivo. Ele sempre falava isso quando alguém na minha família mandava outro alguém para o inferno, ou gritava "Diabo" quando batia com o mindinho na quina da porta.

— O Diabo já morreu, eu o matei — murmurava o velho.

Eu cresci ouvindo e ignorando essa frase, mas em um dia quente desses que não queremos sair de casa para não fugir do ventilador, por obrigação fui visitar meus avós. Eles moravam numa fazenda, longe de todo o barulho da cidade. E era comum chegar lá e encontrar meu velho avô sentado na varanda ouvindo música enquanto fitava o horizonte com o chapéu de feltro quase escondendo os olhos. Ele se balançava preguiçosamente numa cadeira de balanço enquanto a velha vitrola cantava seus vinis clássicos.

Como sempre, a recepção foi calorosa e, em minutos, minha vó me obrigou a sentar para almoçar, mesmo que eu já tivesse almoçado antes. Era um ritual familiar, e o erro tinha sido meu em ter almoçado antes de ir. Depois de findado o ritual de ganhar alguns quilos, meu avô pegou um álbum de fotos quase tão velho quanto ele, folheou-o rapidamente e voltou para a cadeira na varanda.

Com preguiça, fui me sentar com o velho. Ele não se importou com minha presença e continuou virando as páginas do álbum. Havia fotos dele e de minha avó quando jovens, um casal ridiculamente lindo; ela, uma boneca de porcelana sorridente, ele, um galã de bigode fino e cabelo lambido. Porém, deteve-se em uma foto a qual ele estava parado encostado na porta olhando para fora, enquanto segurava um revólver. A foto estava amarelada, mas via-se um cigarro aceso pendendo dos lábios do meu jovem avô de perfil.

— Foi mais ou menos nessa época aqui, que eu deveria ter morrido — comentou ele olhando para a foto, enquanto puxava o canto da boca para falar.

— Fala isso não, vô!

— Não quer dizer que eu queria ter morrido, mas foi nessa época que era para eu ter batido as botas.

— E como o senhor sabe quando vai morrer? Não tem como saber.

— Será que não?

Permanecemos em silêncio alguns minutos até que me rendi e puxei um banco.

— Tá bom, me fisgou, pescador, agora me conta essa história aí, vai dizer que o Diabo está envolvido?

Ele me encarou no fundo dos olhos, era seu jeito de dizer "estou falando sério", e eu me calei.

— Não acredite então, mas que aconteceu, aconteceu, juro pelas minhas bolas.

— Tem a ver com a morte do Diabo, não tem?

— Tem sim, por isso que não morri.

Ele se ajeitou na cadeira e acendeu um

cachimbo que retirou de dentro do chapéu, o fogo veio de um fósforo da caixinha a qual escondia no bolso da calça. Naquele momento, quando ele deu a primeira tragada, lembrei que a última vez que havia ficado a sós com ele, foi quando seus braços ainda tinham forças para me pegar no colo.

— De onde eu vim, a gente resolvia as coisas com bala na testa — começou ele. — Um homem cruzava com a honra do outro, PÁ, tiro. Mexia com a mulher do outro. PÁ! Bala nele. Simples. Se chamasse a polícia, daria tiroteio igual, com sorte o infeliz ia pra cadeia. Dias depois, saía para fazer a mesma coisa. Então resolvíamos as coisas assim. Menos trabalho para a polícia, menos um imbecil no mundo. O problema é que eu era um pistoleiro muito bom, nunca errei um tiro, não importava a distância.

— E por que isso era ruim?

— Porque ao mesmo tempo que eu era bom, era muito esquentado da cabeça. Não vou mentir para você, e vou dizer coisas que espero que fique só com você até seu último suspiro.

— Prometo!

— Sei que promete — ele tragou o cachimbo e voltou a olhar para o horizonte. — Não me orgulho do que vou dizer, mas eu fiz coisas ruins, muito, muito ruins, daquelas que, só de lembrar, já penso que deveria meter uma bala na minha cabeça simplesmente por merecer. Não me olhe assim! Não sou desses suicidas. Nem vou fazer isso. Matei gente sim, muita gente. Uns que nem mereciam morrer. Eu já conhecia sua vó nessa época. Mulher difícil, que pegou o coração desse aqui — ele apontou para a própria foto quando mais jovem. — Eu sabia que ela tinha interesse em mim, porém eu era pistoleiro, não era gente decente. Mas eu era insistente, conquistaria ela nem que custasse minha vida. E custou...

— Mas o senhor está vivo...

— Cala a boca e ouve a história! — Mais fumaça saiu do cachimbo. — Um dia tomei banho e, na cara e na coragem, bati na porta da casa da sua avó. Tinha um discurso preparado para chamar ela para sair, assistir a um filme. Quem atendeu a porta foi o pai dela. Cheio de ódio no olhar, ele me encarou já sabendo da minha fama. "Se chegar perto da minha filha, te meto uma bala no peito", me disse. Retruquei dizendo que só queria levar a moça para um passeio, nada demais. "Se eu tiver que repetir, meto a bala aqui mesmo", foi a resposta dele. Botei meu chapéu e fui embora — ele puxou a fumaça de novo. — Como você está respirando esse bom ar de Deus, imagino que deva saber que não desisti, não é? — Eu sorri nervosamente em resposta. — Enfim, depois de mandar mais três ou quatro almas pro inferno, encontrei sua vó sentada na única sorveteria da cidade, com uma tia. Puta merda, hein! Era bonita sua vó, parecia até que era brincadeira, juro. Então, por sorte, naquele dia encontrei sua vó na sorveteria, e acho que a paixão emburrece um homem, pois comprei três sorvetes para puxar assunto, um para mim, um para ela, e outro para a tia. O problema é que elas já estavam cada um com um. "Já temos sorvete, não precisamos de mais um", disse a tia. Então meti os três na boca e comi na frente delas mesmo. E essa foi a primeira vez que arranquei um sorriso da sua vó. Depois disso, a moça já não me olhava mais com frieza, ela sorria de canto, e aquele sorriso valia meu dia. E eu estava tão caído por sua avó que prometi tirar o dedo do gatilho para sempre, por ela. Ia procurar um emprego e mostrar que eu merecia uma chance. O problema é que prometi no dia errado, pois justo no dia que havia tomado minha decisão, bate na minha porta o pai dela com uns tios. Todos armados. Eu morava sozinho, ninguém ia ver nada. "Eu falei para ficar longe da minha filha", disse o infeliz do pai dela. Tentei argumentar, "sou um novo homem", "vou trabalhar", "vou sei lá o quê", disse tudo, não por medo de morrer, mas por medo de viver sem sua vó. Tudo em vão, o imbecil cumpriu a promessa. Cada um dos tios segurou um dos meus braços, e o covarde disparou contra meu peito. Eu caí no chão e senti aqueles merdas me arrastarem para

a camionete. Até que eles me largaram no meio de lugar nenhum. Num duelo justo, eles nem teriam chance. O covarde precisou me segurar para matar, nunca teria chance contra mim. E depois de tudo que eu havia feito em vida, quem você acha que iria me buscar? O Diabo, é claro, em pessoa. Em toda sua majestade e onipotência.

— Que isso, vô? Como assim?

Ele virou o rosto para mim sem qualquer resquício de humor.

— O Diabo, o próprio. Falei que não me importo se você acredita ou não. Mas estava lá, acocorado do meu lado, rindo da minha cara. "Depois de tantos que despachou, agora sua vez chegou", disse ele no meio de umas gargalhadas. E eu lá, ensanguentado, sem poder dar um soco na cara torta dele. Não me olhe assim, falo a verdade, juro pelas minhas bolas. Ele só estava me torturando um pouco antes de me levar. Então eu pedi um último desejo, ele riu mais ainda. Disse que eu não tinha direito a nada. Eu o chamei de cagão. O quê? Chamei mesmo, já estava condenado, o que mais poderia me acontecer? No mesmo instante ele parou de sorrir. Coçou o queixo e perguntou o que eu queria. "Um último duelo", respondi. "Com quem te deixou aqui, com certeza?", ele perguntou arrogante. "Com ele não, um duelo com você", respondi, nos últimos suspiros. Ele ficou puto comigo. E vou te dizer uma coisa: o momento em que você sente mais coragem, é na morte. E eu desafiei o Diabo para um duelo; e o cretino aceitou. Os covardes que me jogaram lá no fim do mundo não fizeram questão de tirar minha arma. Não sei como o desgraçado materializou uma pistola toda preta, uma coisa desse tamanho — meu avô separou as mãos para mensurar a tamanho da arma do Diabo. — "Atiramos na terceira badalada", disse ele. "Badalada do quê? Tem nada aqui nesse fim de mundo", retruquei. Ele estalou os dedos e ouvi uma badalada vinda sei lá de onde; e nem quis saber, no que ouvi aquilo já me preparei. Ele sorriu para mim, para ele era brincadeira, para mim era um ato de coragem, digo até que era uma honra duelar com o Diabo. Segunda badalada. Senti minhas forças indo embora, a morte estava chegando, o sangue pingando, tremendo as pernas, não de medo, mas de cansaço. Admito que fraquejei uma perna no instante da terceira badalada, mas aproveitei esse balançar de pernas para desviar do disparo do Diabo e sacar minha arma. Puxei o gatilho e acertei no meio da testa enrugada dele. O Diabo caiu no chão duro. Não se mexeu mais. Só que ao contrário dos outros cadáveres que fiz, aquele não tinha sangue. Me rastejei até ele para ver de perto. Lembro do cheiro forte de azedo daquilo. Depois disso, minhas últimas forças se foram e eu morri. Morri ao lado do corpo do Diabo.

Ficamos em silêncio depois que ele disse isso, não tinha certeza se eu deveria comentar alguma coisa; nem sabia se existia algo para se comentar numa situação daquelas. O velho deu mais uma tragada no cachimbo antes de continuar:

— Logo o ar voltou todo de uma vez para os meus pulmões e eu acordei no mesmo lugar que havia morrido. Olhei para o lado procurando o corpo do Diabo, mas não estava mais lá. No lugar dele, estava a pistola preta ainda quente. E não só o Diabo havia desaparecido, o buraco no meu peito também. Ficou só a cicatriz, olha aqui! — Ele abriu dois botões da camisa e me mostrou a cicatriz de um ferimento que podia muito bem ser de um projétil. — Levantei sentindo minhas pernas novamente, peguei a arma do Diabo, e voltei caminhando para a cidade. Tive uma estrada inteira pela frente para pensar no que havia acontecido, mas estavam lá as provas, o ferimento que cicatrizou de uma hora pra outra, a arma do Diabo e minha vida. Chegando na cidade, sem saber quanto tempo tinha se passado, voltei para casa, tomei um banho e fui para onde? Para a casa da sua vó. Aham, fui mesmo! — ele puxou o canto da boca com um rápido sorriso orgulhoso. — Já tinha enfrentado o Diabo, acha que teria medo de um velho covarde que precisava de ajuda para matar um homem só? Cheguei lá e nem bati na porta, só entrei. E quando entrei foi o melhor momento da minha vida. Estavam todos

na sala, sua vó, a mãe dela, a tia nojenta, o pai e os tios comparsas, esses últimos bebendo conhaque e comemorando. Os três responsáveis por minha morte, ao me verem, cagaram até a alma. Todos na sala me olharam. O instinto natural de um pistoleiro seria puxar o gatilho na cara daquele que invadiu sua casa, mas eles nem homens eram de verdade, então só ficaram lá, brancos de pavor. "Vim aqui buscar a moça para caminhar e talvez ir a um cinema. Imagino que o senhor não vá se importar", eu disse, olhando para o pai dela. A tia megera sacudiu o homem paralisado pedindo que ele fizesse alguma coisa. "Eu e esse senhor já conversamos a respeito, acho que ele entende que não pode fazer nada contra mim", eu disse de peito estufado. Sua vó nunca entendeu essas palavras e eu desconversei durante anos. O certo é que o pai dela nunca me olhou nos olhos, ou trocou qualquer palavra comigo, até a morte dele. Como promessa para sua vó, eu nunca mais puxei o gatilho, mas sempre me preparei para caso algum dia o Diabo voltasse e exigisse sua revanche. Essa foto aqui sua avó tirou, eu tinha ouvido alguma coisa na rua e pensei ser o Diabo — ele apontou para a foto a qual estava escorado na porta e fumando. — Não era nada, ele nunca mais apareceu, e eu me convenci que ele havia morrido, pois depois de um acidente de carro, uma picada de cobra, um ataque de escorpião, percebi que nada mais nesse mundo poderia me matar. Se ele ainda estivesse vivo, já teria me levado, creio eu.

Ele terminou com mais uma nuvem de fumaça.

— Não peço que acredite — continuou, — só peço que não comente nada com os demais sobre minha vida antes da sua vó, ela pediu que eu não contasse para ninguém sobre isso e enterrasse o passado, foi a condição dela para se casar comigo… além de largar as armas.

Ele entrou em sua casa, me deixando na varanda com meus pensamentos. Em seguida, tomei coragem para falar com ele, perguntei para minha avó onde ele tinha ido e ela me orientou a procurá-lo no quarto. Ao entrar ele estava mexendo no guarda-roupas, de onde retirou uma caixa de madeira, depois a pôs sobre a cama.

— Não quero forçar a barra, mas dê uma olhada nisso aqui.

Abrindo a caixa, havia um objeto enrolado em um pano velho, ao desenrolá-lo me deparei com uma arma totalmente preta, e muito maior do que uma arma comum.

— Vô… é?

— É sim.

Eu vou passar a vida inteira tentando não acreditar naquela maldita história.

Hitallo Dalsoto

Hitallo Dalsoto é escritor residente de Porto Alegre. Começou a escrever contos na adolescência por incentivo de amigos e familiares, hoje possui cinco obras publicadas: "Histórias Críveis e Incríveis" (contos), "A Vida de um Homem Medíocre" (crônicas/humor), "Diário de um Suicida" (humor), "Chicão e a Morte" (romance), e "Essa Visita Está Adianta" (novela).

DO OUTRO LADO DA PORTA

Meus piores pesadelos pareciam se formar nas noites mais chuvosas. Com os primeiros pingos de chuva, ao anoitecer, meu corpo já estremecia. Sabia o que estava por vir. Mas eu resistia, tentava de tudo. Comecei com chá de camomila, receita antiga de minha vó. Tomava aos poucos, tentando absorver a calmaria, começando pelo embaçar dos óculos. Mas o que antes era uma fumaça aconchegante, logo virava fuligem, corpos queimando, toxicidade.

Depois, passei a ouvir música. Colocava Beethoven, Chopin e as mais variadas sinfonias. Logo descobri que nem abafar o som da chuva funcionava. O sono sempre vinha rápido, mas qualquer elemento que antes me acalmava, logo se transformava em horror. De valsas a bailes com cabeças cortadas. De sons do mar a afogamentos. Do ronronar do meu gato a onças rasgando minha carne.

Comecei a procurar ajuda profissional. Meu psicólogo falava em traumas com água, mas minha pior lembrança do tipo foi um leve escorregão no chuveiro. Isso obviamente não era o motivo para tais pesadelos. Comecei a procurar em fóruns da internet. Péssima ideia, li as coisas mais absurdas e assustadoras. Pensei em me mudar para um lugar que chovesse pouco, mas logo as chuvas se tornaram menos frequentes. Achei que essa seria a solução, até que repentinamente eles não pararam mais.

Esqueci da chuva, pois agora elas caíam todo dia. Passei a não querer mais dormir. Fiquei obsessiva. Comecei a rezar fervorosamente, mas sonhava com sacrifícios e crucificações. Em uma das noites, acordei antes que o habitual. Olhei no relógio e eram 4h. Vesti uma roupa e fui descer para fumar. Sabia que logo depois ia sonhar com corpos incendiados, mas a nicotina ajudava a me acalmar antes disso. Estava descendo as escadas do prédio quando ouvi uma vizinha.

Do outro lado do corredor, vi ela se aproximar. Não gostava de encontrar pessoas à noite, pois sabia que podia sonhar com elas mortas ou despedaçadas. Mas logo que a avistei, tive a certeza de que não estava sozinha. Com olheiras profundas e cigarro na mão, tínhamos muito em comum. “Insônia?” “Tipo isso. E tu?” “Tipo isso.” Logo comecei a falar dos chás, músicas e consultas. A resposta não demorou muito: livros. Na metade do primeiro cigarro, apaguei-o contra o chão. “Me empresta um livro, agora?” “Tenho um perfeito para esse momento.” Tirando do bolso do roupão, ela me entregou um livro pequeno, de capa cinza. Ela falou que só funcionaria se eu lesse já deitada. Podia ser só um trechinho. Curiosa, me apressei na despedida e fui correndo para casa.

Pulei na cama e abri o livro. De súbito, estava de frente para uma estante. Não, não apenas uma estante, mas uma parede azul turquesa. Em seis prateleiras, estavam espalhados diversos livros. Logo acima, um vaso verde terroso estava dentro de um arco decorativo. Tudo parecia de muito bom gosto. Fiquei esperando algo acontecer, mas o resto da noite foi assim, eu de frente para a estante. Acordei num misto de surpresa e tranquilidade. Não acreditava que havia funcionado.

Abri a janela num ato de liberdade, chamando o sol a visitar meu quarto. Percebi que havia chovido durante meu segundo sono. Estava ali a prova: os pesadelos não iam mais me atormentar. Saí para a rua logo em seguida, pisando propositalmente nas pequenas poças que se formaram. A noite

chegou rápido, e repeti o plano: deitei e abri o livro. Vinha instantaneamente a estante azul turquesa. Tentei olhar para os lados o máximo que pude, mas só enxergava a estante. Meu corpo não se movia mais que isso. Tentei sentir onde estava e notei uma leve brisa que vinha por trás e mexia levemente no meu cabelo.

Não conseguia saber quanto tempo se passou, mas acordei tranquila. Num rompante de felicidade, abri a janela. Não havia chovido naquela noite. Decidi não parar mais com o livro. Passei um mês olhando para a estante e acordando para, logo que a noite chegasse, voltar a olhar a estante. Em uma noite, resolvi descobrir de onde vinha a leve brisa. Reparei que ela descia pelas bordas da estante, contornando-a até o chão. Curiosa, empurrei a parte direita da estante e ela se abriu, ficando entreaberta.

Pela fresta, consegui ver um quarto. De repente, a luz apagou-se. Continuava olhando o quarto, pois era apenas o que havia para ser visto. Na escuridão, percebi uma presença. Percebi que havia uma respiração que vinha do outro lado da porta. Foquei meu olhar para o canto direito e foi então que vi. Alguém parecia me espionar. Paralisei de medo. Nunca havia notado que não era a única nesse sonho. Sempre houve alguém do outro lado, me olhando.

Num rompante de horror, comecei a gritar, mas meu corpo não parecia me responder. Ouvi uns passos, que iam do teto ao chão do outro lado. A presença parecia se divertir com meu pânico. Quando parei de gritar, ouvi-a se mover com mais nitidez. Parecia se aproximar de mim. Pela fresta, observei que seu rosto se aproximou. Com os olhos arregalados, a presença ficou apenas com o rosto visível pelo canto da porta, apenas o suficiente para perceber seu sorriso. Senti repulsa e ânsia. Meu corpo não queria se mover, paralisado de medo. Acordei no meio da noite. Assustada, ainda permaneci um tempo na cama. Foi quando ouvi passos pelo teto. Saí em disparada pelo quarto até a cozinha. No desespero, peguei uma faca. Pensei em ir até a vizinha para contar dos sonhos. Lembrei do livro e voltei ao quarto para pegá-lo.

À minha volta, os passos aumentaram, agora por toda parte da casa. Agarrei o livro e corri para o corredor do prédio. Os passos cessaram. Continuei correndo até achar de onde a vizinha tinha vindo naquela noite. A porta do apartamento estava aberta. Pela fresta, percebi que a luz estava apagada. Entrei segurando a faca em uma mão e o livro na outra. Na minha frente, percebi uma estante onde parecia faltar um livro. Me aproximei lentamente e coloquei o livro no lugar. Assim que ele se encaixou, a estante se abriu. Voltei a ouvir passos, vindos do outro lado. A presença parecia correr, por todos os cantos do cômodo. De súbito, parou. Pela fresta, ouvi uma respiração. Tentei correr, mas meu corpo parou de funcionar. E eu sabia: ela estava olhando pra mim. E sorrindo.

Vitória Vozniak

Vitória Vozniak nasceu e ainda reside em Porto Alegre. Formada em Comunicação Social e Escrita Criativa e atualmente cursa mestrado em Escrita Criativa pela PUCRS. Quando se lembra, posta uns textos no @poetanocio.

TANTO

I

Aurora morreu soterrada pelas coisas que guardava. Quando os vizinhos chamaram a polícia para dar conta do cheiro que vinha da casa, foi preciso retirar tudo que cobria o chão. Os bombeiros estavam quase desistindo quando a cabeça de Aurora apareceu no meio de uma coleção de bichos de pelúcia. Com o pescoço pendendo para o lado esquerdo, seu corpo foi puxado como acontece em um parto: Aurora estava nascendo para a morte.

Não se podia atravessar a fita amarela, não se podia modificar a cena do crime. A janela da casa de Aurora emoldurava um conjunto de travesseiros, enciclopédias, bonecas do tamanho de recém-nascidos, folhagens secas, panos que talvez fossem roupas e muitas panelas sem tampa. Quem olhava de fora, pensava que a casa estava repleta de coisa boa e, ainda que não fossem tão boas assim, eram de graça.

Não demorou pra vizinhança tomar a casa. O interesse veio disfarçado de piedade com vela na mão, raminho de flor, meus sentimentos. Quando um mesmo objeto passou a ser cobiçado por mais de uma pessoa, acabou a diplomacia. Uma parte da vizinhança tentou ser discreta, mas logo chegou a gurizada com pedaço de pau e partiu pra cima das vidraças. Em seguida, chegou um carro com a caçamba aberta e passou a levar o que via de maior, como se volume fosse valor. A cachorrada latia inconformada.

Cada coisa tirada da casa parecia arrancada do corpo de Aurora. Uma sapateira comprada quando ela só usava um par de havaianas, um jogo de louças para jantar com a família que não sabia seu endereço, uma caixa de som para apoiar os joelhos cansados de escalar suas próprias montanhas que cresciam diariamente. Outra categoria que encantava Aurora era a dos achados de rua. Um pecado deixar esse móvel tomando chuva, que absurdo desperdiçar madeira boa assim, um dia posso precisar desse material para arrumar alguma coisa, dizia Aurora, dando sobrevida às coisas.

Não conhecemos Aurora além da matéria, herança maldita. Quando o caminhão do lixo passava pela rua, a gurizada gritava para levar embora a dona da casa. Aurora tinha vontade de furar os olhos risonhos dos guris com os espetos de ponta fina que seu falecido pai usava para assar carne de porco aos domingos.

II

No dia em que Alexandre sumiu, Aurora gritou a noite inteira. Ninguém conseguiu dormir. O berro vinha da garganta e espancava o céu da boca. Não tinha como estancar o volume. As paredes da casa suavam de pânico. A polícia não encontrou pista sobre o paradeiro do menino. Nada conseguiam falar sobre um sumiço repentino. A vizinhança dizia que era coisa do capeta. Aurora tinha certeza que, de qualquer lugar, ele escutaria sua voz e voltaria, engatinhando para seu colo. Nenhum grito trouxe o bebê de volta.

Aurora caminhou Horizontinho inteira. Falou com cada morador. Ninguém tinha visto a criança. É mentira!, ela espumava na cara das pessoas. Em cada viela, havia choro de criança. Em cada casa, havia brinquedo de Alexandre. Em cada esquina, a sombra do bebê se formava no chão. Não sobrou um canto da cidade onde Aurora não gritou. De volta pra casa, Aurora levou no colo — como quem carrega um bebê — um saco de lixo

que tinha o tamanho exato do menino. O lixo estava cheio de fralda suja. Aurora sentiu o cheiro do cocô de Alexandre e dormiu a noite toda abraçada no saco plástico.

III

Antes de a polícia retornar, a vizinhança já havia tomado a casa de Aurora. Os vídeos que circularam no momento da confusão mostrava gente levando comida, gente levando uma banheira cheia de revista. Teve gente que pegou fogão e geladeira e brinquedo e sofá e toalha e panela e escada e janela e louça e tapete e tudo o mais que cabia na mão, no carro, no carrinho de mão.

À esquerda de quem entrava na casa, o corpo de Aurora de bruços foi pisoteado e, à direita, havia um quarto fechado. A porta emperrada pelos objetos da parte de dentro do quarto fez com que os bombeiros precisassem remover a fechadura para o tombamento: um vômito de objetos tomou o chão da casa vazia quando a porta se abriu.

Debaixo de uma mala cheia de sacolas, um pano se moveu. Aurora mantinha uma coleção de almofadas que se rompiam assim que cruzavam porta adentro. Os bombeiros passaram a procurar qualquer coisa diferente de flocos de espuma. O único quarto que continha coisas guardava tudo aos pedaços. Pelo de gato, resto de comida, louça quebrada, agulhas de crochê pela metade, páginas de livro, copo rachado, patins sem rodinha, bola furada, perna de boneca, pilha vazada, embalagem vazia e outros cacos disputados pela vizinhança.

Debaixo da espuma surgiu um pé de criança: Alexandre estava desaparecido há nove anos. Com a pele do corpo marcada pelo peso do tempo, o menino foi resgatado enrolado em um cobertor com cheiro de mijo de gato. Sem saber andar nem beber água nem dizer obrigado, Alexandre foi levado de viatura até o hospital. Os policiais, com espumas presas nas botinas, fugiam das bocas cheias de perguntas impossíveis de respostas. No corredor do hospital, Alexandre tomou soro e foi encaminhado a um orfanato, onde dividiu o quarto com outras oito crianças nunca adotadas.

Juliana Maffeis

Escritora e arte-educadora. Mora em Porto Alegre, RS. É licenciada e mestranda em Letras, na área de Escrita Criativa pela PUCRS. É autora de Solitária Companhia de Teatro (Editora Patuá, 2017).

CYBERMADRINHA

— Vejamos o que você trouxe — disse Lady Shelley.

Uma brisa ligeira refrescava o aposento atravessado pelo sol de verão. Era meio-dia, hora em que os terrestres se ocupavam em encher o estômago. Nos castelos e nas casas ricas, o pessoal da cozinha não tinha mãos a medir, mas, por outro lado, a ausência de um camareiro não costumava ser notada. Era por isso que, em todos os lugares sob sua vigilância, os agentes de Lady Shelley ocupavam essas funções.

O que trouxera o registro hoje era chamado de Piers. Um jovem de rosto redondo, cabelo cortado em franja, perfeitamente discreto em sua libré. Sem qualquer comentário ou mesmo uma mudança de expressão, ele deixou que Lady Shelley removesse a câmera de precisão inserida em sua retina, depois continuou esperando enquanto os dados eram transferidos para o nanocomputador, que ela ocultava de olhares curiosos entre as páginas de um livro de orações.

— Pronto — murmurou a Observadora. Diante dos seus olhos, a proteção de tela se dissipou, uma iluminura dos Santos Mártires dando lugar a um desvão sombrio no interior de uma torre. Num canto da tela, uma mulher de rosto pálido e esverdeado lia um pergaminho. Lady Shelley apertou os olhos, reconhecendo uma das rivais da Liga Científica Plurigaláctica.

— Malévola...! — exclamou, remexendo-se no banco. — O que essa neuropraticazinha de meia-tigela pode estar querendo?

— Sugiro, senhora — disse Piers — que aumente o volume.

— Ah, sim, sim, claro! Vamos ver do que se trata — disse a Observadora, ajustando alguns botões. A imagem na tela se definiu, revelando as rugas e a indignação de Malévola enquanto sua voz se fazia ouvir.

— Com mil dragões! Excluída! — rosnou ela, erguendo os punhos cerrados. — Todas essas estúpidas curandeiras e adivinhas da sorte convidadas para a festa... e esse reizinho imbecil exclui a mim! A mim, que poderia programar um futuro maravilhoso para essa pirralha com uma simples manipulação neurolinguística! Ah, mas isso não fica assim — continuou, num tom que arrepiou os cabelos de Lady Shelley. — Convidada ou não, eu vou a essa festa — e vou provar a todos o meu poder! Eles que me aguardem!

Com essa ameaça, ela voltou as costas, retirando-se da tela onde, por um momento, apareceu a mão de Piers pegando uma taça. Depois, mais nada.

— Não acredito. Essa maníaca vai se meter dentro do castelo real...! — exclamou Lady Shelley, fechando o livro dos Mártires. — O que devo fazer?

— Sugiro, senhora, que busque o apoio da Liga — disse Piers, com voz neutra. — Os outros Observadores devem conhecer o procedimento-padrão.

— Que padrão? Cada caso é um caso — replicou Lady Shelley, irritada. — Além disso, temos diferentes áreas de atuação dentro do projeto. O Barão Verne se dedica às descobertas científicas propriamente ditas — não fosse o seu empurrãozinho, os terrestres não teriam nem mesmo inventado a bússola — e Lorde Wells dá suporte às nossas viagens temporais e à comunicação intergaláctica. Eu é que estou encarregada de lidar com os obstáculos... como é o caso dessa Malévola — concluiu, cerrando os dentes.

Vindos dos mais diferentes planetas, os rebeldes autodenominados neuropráticos eram a pedra no sapato dos cientistas, com suas experiências de manipulação da mente que os terrestres chamavam de maldições. Seus alvos eram quase sempre anônimos — irmãs egoístas, camponeses mesquinhos, às vezes um completo inocente —, mas de tempos em tempos a experiência atingia uma pessoa relevante para o projeto da Liga, como um artífice engenhoso ou um membro da família real. Isso representava um transtorno em termos de cronograma: que rei conseguia pensar em financiar expedições marítimas quando seu herdeiro estava transformado num sapo?

— E só temos até a década de 1970, pelo calendário local, para que os terrestres efetuem as primeiras viagens espaciais — lembrou Lady Shelley. — Caso contrário, perderemos a verba do projeto, sem falar na credibilidade... vamos virar os bobos da corte plurigalácticos, por assim dizer.

— Bobos da corte, milady? Esse é um conceito muito, hum... contemporâneo — interrompeu a voz do seu engenheiro-chefe. — Talvez esteja na hora de tirar umas férias.

— Ah, Isaac! Foi bom você ter chegado — exclamou a Observadora. — Não imagina o que acaba de ser trazido ao meu conhecimento!

— Nada de bom, suponho. — Isaac se aproximou, tirando o gorro de lã, e se sentou num banquinho aos pés de Lady Shelley. Era onde um terrestre, que entrasse por acaso na sala, esperaria vê-lo, pois o disfarce do engenheiro não incluía um solar e um nome de nobreza como os de sua chefe. Em vez disso, ele era Mestre Isaac, um artesão talentoso, encarregado do funcionamento do relógio da catedral. E, além, disso, responsável por Piers e pelos outros como ele. Mas esse era um segredo que a Liga guardava a sete chaves.

— Veja você mesmo — disse Lady Shelley, entregando-lhe o livro de orações. A gravação se repetiu, descortinando novamente a fúria de Malévola enquanto Piers servia vinho e doces de mel ao visitante.

— Parece desafiador — disse Isaac, quando a imagem desapareceu. — Mas só enquanto não soubermos exatamente quais são os planos dela em relação à pequena Aurora.

— Aurora?

— É o nome da princesa. Ah, que cabeça a minha! Era isso que eu vinha lhe dizer! — Bateu na testa lustrosa. — Madre Úrsula, nossa especialista em relações diplomáticas, vem trabalhando na promoção do seu nome como uma das "mulheres sábias" do reino. Assim, o seu ingresso na festa de batizado da princesa, da qual a bruxa — ou melhor, neuroprática — foi excluída está praticamente assegurado. Você terá a honra de ser uma das madrinhas.

— Isso eu já sabia — retrucou a Observadora, impaciente. — O nome da princesa tinha me escapado, mas recebi o convite. Até já mandei o veículo à

oficina para reconfigurar a aparência. Não convém que as pessoas me associem àquela carruagem de abóbora.

— Pois então? Como no caso da abóbora, você vai encontrar uma solução — animou-a Isaac.

— Não é tão simples — resmungou Lady Shelley. — Naquele caso não havia neuroprática envolvida. É muito mais fácil emular um vestido de baile e sapatinhos de cristal do que desfazer uma programação mental competente. Se todos acreditarem que a princesa foi amaldiçoada, a profecia acabará se cumprindo; e seja lá o que for vai afetar o rei e interferir de forma negativa em nossos próprios planos. A não ser...

— O quê? — perguntou o engenheiro, animado. — Vejo que as ideias já começam a surgir.

— Pois é, ainda é só uma ideia, mas talvez funcione. Há algum jeito de eu desenvolver habilidades neuropráticas, mesmo que rudimentares, em tempo recorde? Com um implante cerebral, por exemplo?

— É... bem, creio que sim. Você poderia usar um chip. — Isaac coçou a cabeça, pensativo. — Seria temporário, e não tão eficaz quanto possuir a habilidade inata, mas...

— Tudo bem. Posso me arranjar com o básico. Afinal, o rei e toda a corte pensam em Malévola como uma bruxa terrível... é razoável que eu, uma simples mulher sábia, não tenha poder para anular a maldição. Eles só têm de acreditar que existe uma alternativa... uma esperança, digamos, como é do gosto dos terrestres. Se eu puder programar ao menos isso nos cérebros reais, será o suficiente.

— Ótimo. E qual será a alternativa?

— Isso eu não sei. Afinal, não sabemos o que Malévola planeja para a princesa. Mas, conhecendo os neuropráticos, eu diria que não é nada tão drástico como a morte.

— Perdão, senhora. É a morte — disse Piers, inesperadamente.

Suas palavras foram um choque para Lady Shelley e Isaac, que se calaram na mesma hora e se voltaram para o rapaz. Este relatou o que ouvira, após a gravação, da criada de Malévola, uma jovem doce, que vinha tentando inutilmente arrastar Piers para os montes de feno.

— Ao completar dezesseis anos, a princesa vai espetar o dedo numa roca e morrer — disse ele, sem piscar. — É essa a maldição que a bruxa pretende lançar sobre ela.

— E que eu vou revogar, de um jeito ou de outro! — bradou Lady Shelley, decidida. — Em quatro anos, o rei tem que ter adquirido a tecnologia dos árabes para fazer papel. Ele nunca vai fazer isso se estiver contando os dias para a morte da filha! Ao trabalho, Isaac!

— É você quem manda — disse o engenheiro, esfregando as mãos.

***

Uma semana depois, o reino não tinha outro assunto a não ser a ousada madrinha da princesa Aurora. Demonstrando não apenas competência, mas também sangue-frio, ela se escondera por trás de uma tapeçaria, deixando que a temível bruxa Malévola proferisse sua maldição para, só depois, modificar suas consequências. Ao picar o dedo no fuso, a princesa não morreria, mas cairia num sono inofensivo, do qual seria despertada por um beijo de amor.

— Esse foi seu toque pessoal, milady — disse Mestre Isaac. — No fundo, eu sempre soube que você era uma romântica incorrigível. Só não entendi por que esse sono deve se prolongar por cem anos.

— Foi o que me veio à cabeça, e tive que dizê-lo. Deve ter a ver com questões neuropráticas... um detalhe necessário, talvez, para que a sugestão se instale no cérebro dos envolvidos. Ou então foi uma falha do implante. — Lançou ao engenheiro um olhar agudo, fazendo-o se encolher no banco. — Mas não se preocupe. Uma boa câmara criogênica vai resolver o problema. E por falar nisso — prosseguiu — como vai indo a questão do Piers? Ele não conseguirá por muito mais tempo a colaboração das aias se não lhes der o que elas esperam.

— Estou trabalhando nisso. Você sabe como é difícil conferir emoções a um autômato... e ele também. Não é, meu rapaz?

— Sim, senhor — disse PI-RS, sem expressão. — Mas valerá a pena.

— Ah, é? Quem lhe disse isso?

— Eu, é claro — replicou a Observadora. — Como já disse várias vezes, sem diminuir o mérito de seu trabalho, suas criações são lindas, mas frias demais. Não fará mal lhes conferir um pouco de sentimento... Uma espécie de vida, sabe?

— Você não tem jeito, Lady Shelley — gargalhou Isaac.

Ana Lúcia Merege

É Mestra em Ciência da Informação e curadora de Manuscritos da Biblioteca Nacional.

Publica pela Editora Draco a série de fantasia Athelgard, iniciada com "O Castelo das Águias".

Pela mesma editora, organizou as coletâneas "Excalibur", "Medieval" e "Magos", sendo as duas últimas vencedoras do Prêmio Argos de Ficção Fantástica 2017 e 2018.

Publicou também os romances "O Caçador" e "Pão e Arte", o ensaio "Os Contos de Fadas", contos e artigos.

Participa com frequência de eventos ligados à Literatura Fantástica e trabalha com mediação de leitura voltada para o tema.

A literatura não está somente na palavra escrita. Aqui na *Literomancia*, consideramos literatura todos os tipos de narrativas. Quadrinhos e tirinhas contam histórias e encantam aos leitores tanto quanto contos e romances. Da mesma forma, ilustrações e desenhos carregam complexas narrativas e segredos em cada pincelada, seja o pincel feito de cerdas ou pixels.

Nesta edição

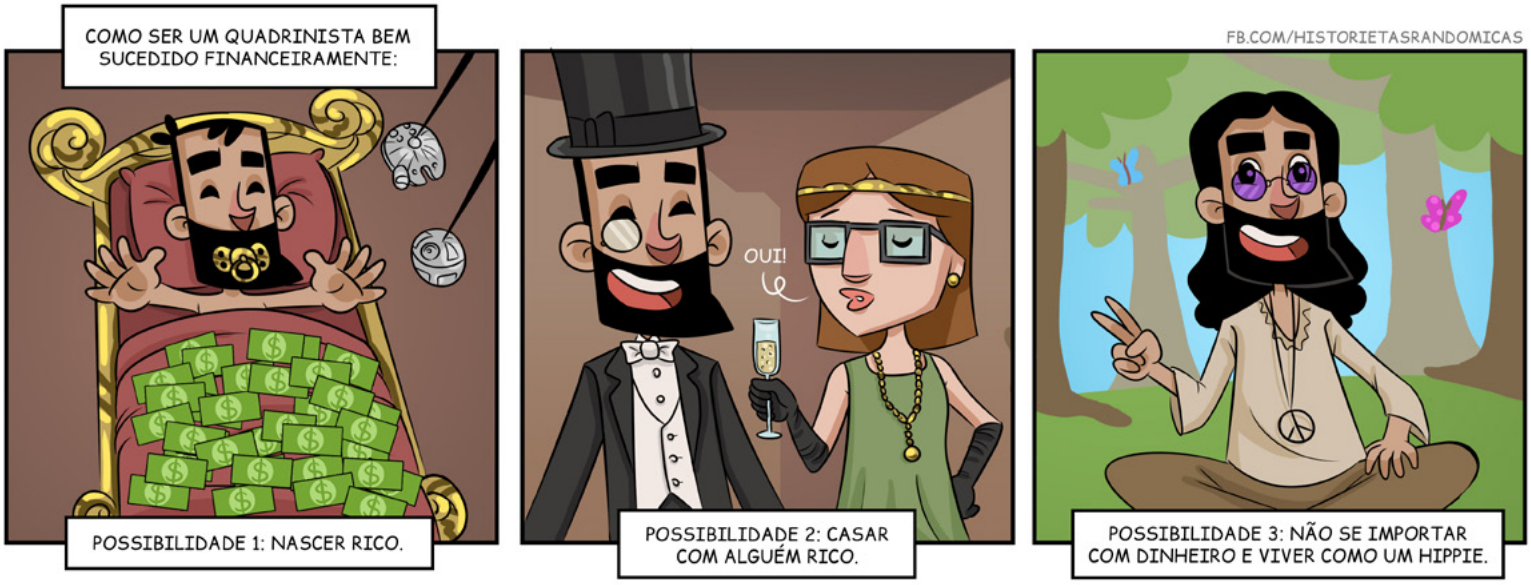
As nuances entre a arte desenhada e a escrita são muitas, mas certamente uma das que mais se destaca é termos, dentro de uma ilustração, milhares de possibilidades e interpretações. Afinal, quantas perspectivas são possíveis de se ter em um desenho?

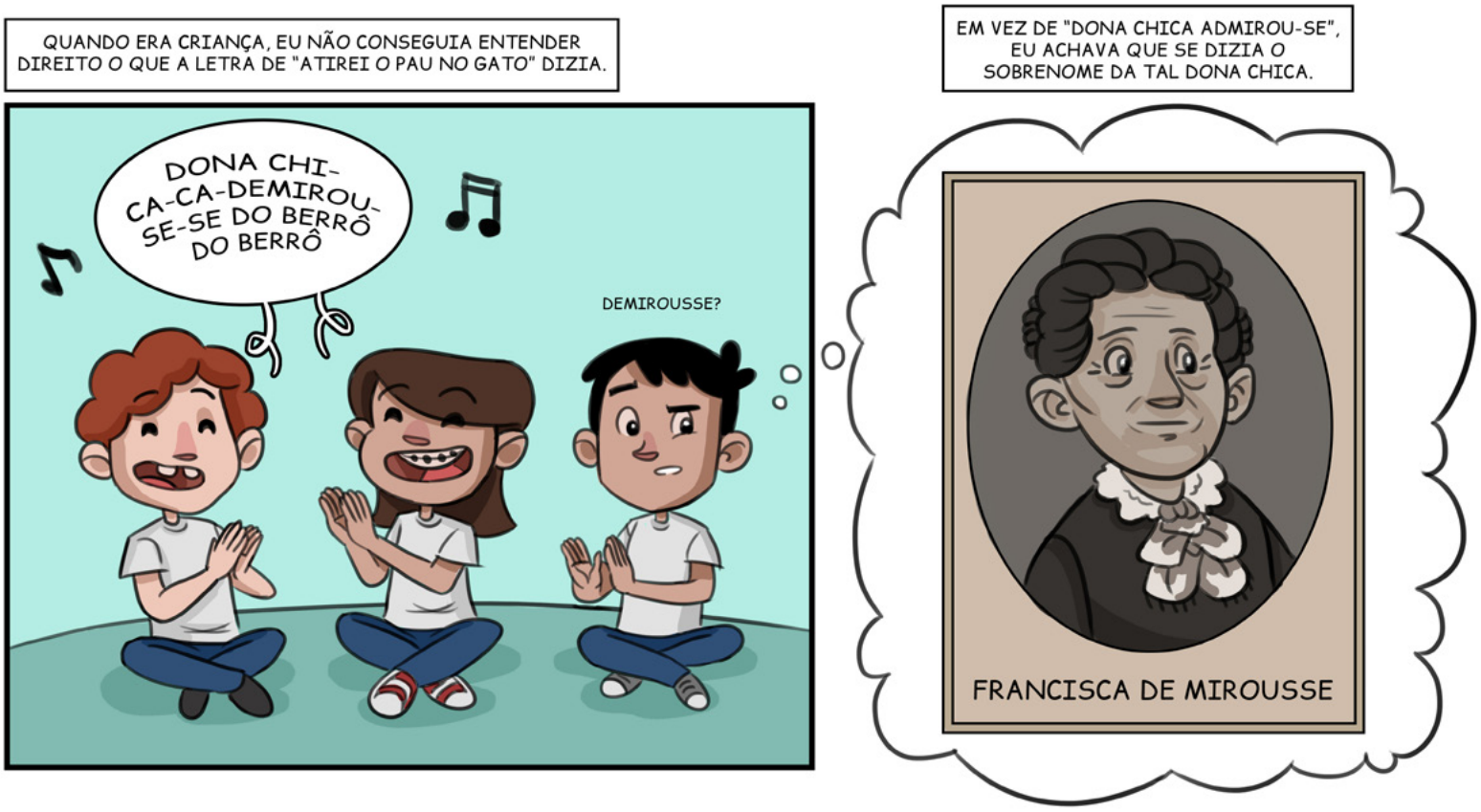
Muitas vezes, a escrita é clara, pois a narrativa descreve bem a história que deseja contar. O desenho é subjetivo, carregado de inúmeros sentidos. A escrita deseja entregar à nossa imaginação exatamente aquilo a que se propõe — na grande maioria das vezes.

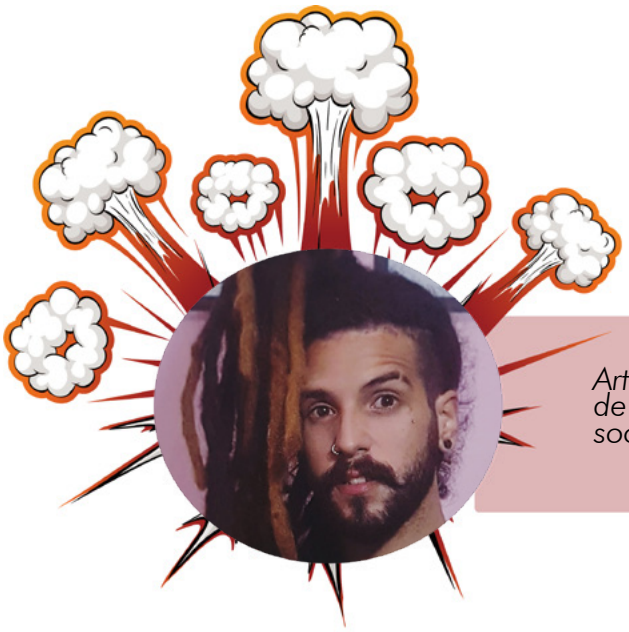
Nesta primeira edição da revista, selecionamos um material bem especial para nossos leitores. O ilustrador e quadrinista Thiago Krening apresenta um esboço do seu trabalho por meio de tirinhas divertidas e nostálgicas; o artista visual e tatuador Pedro Rosa demonstra sua originalidade com desenhos inspiradores; e a ilustradora e escritora Hidaru Mei exibe um quadrinho estilo mangá muito cativante.

Thiago Krening

Ilustrador e quadrinista graduado em Desenho Industrial pela UFSM, especialista em Cinema pela UFN, mestre em Design Gráfico pela UFRGS e doutorando na UFRGS. Trabalha com ilustração para publicações variadas, games e animação.



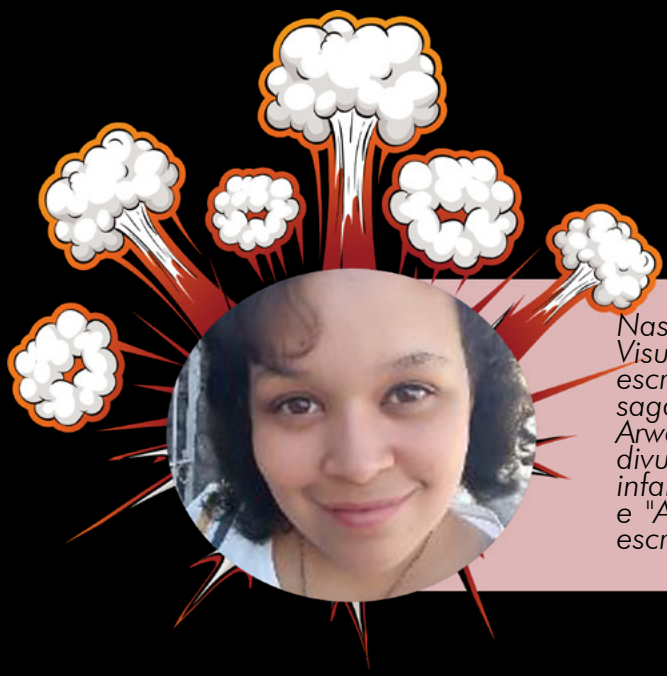




Pedro Rosa

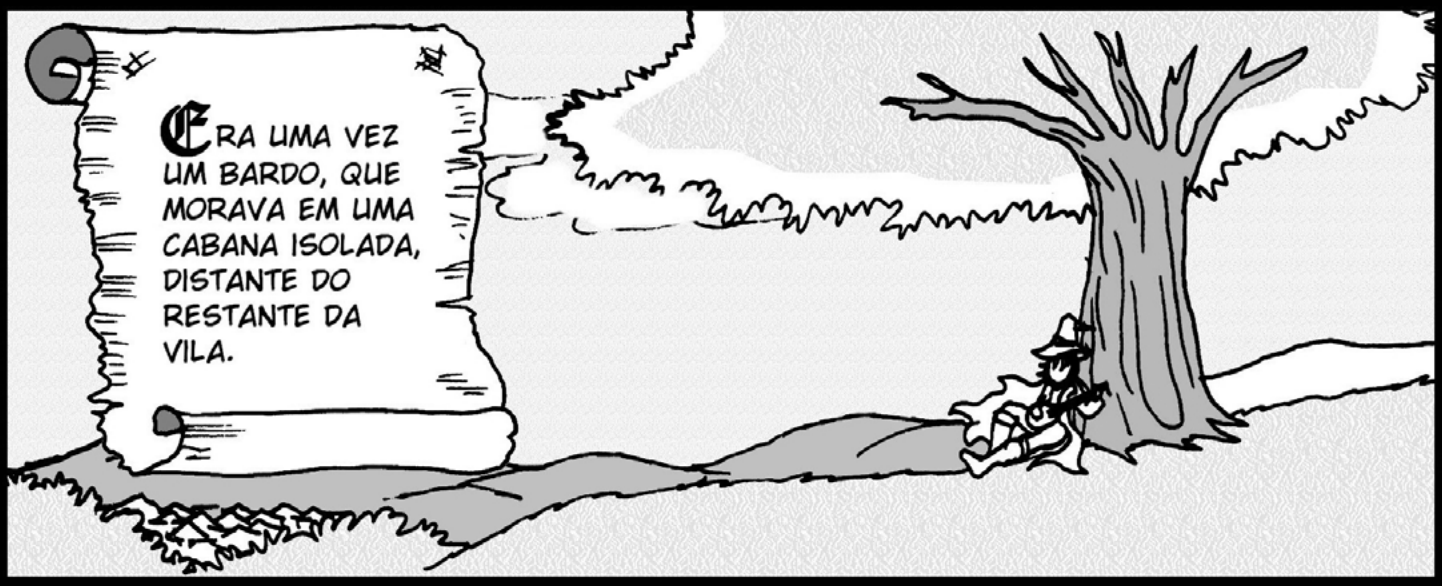
Artista visual. Tatuador autoral e escritor de pequenas histórias. Milenial com fobia social padrão e bem distraído.

Hidaru Mei



Nascida em Volta Redonda/RJ, formada em Artes Visuais e cursando Pedagogia, professora de Artes, escritora e ilustradora freelancer. Autora dos livros da saga "A Chama da Esperança", publicados pela Editora Arwen e pelo Clube dos Autores. Ilustrou imagens de divulgação para diversos autores, e ilustrou dois livros infantis, "Quero Brigadeiro", de Cibele Nascimento, e "A Anjinha Fifinha", de Osvaldo Cruz. Atualmente escreve e ilustra a HQ independente "Aquamarine".

O Bardo
e os Monstros

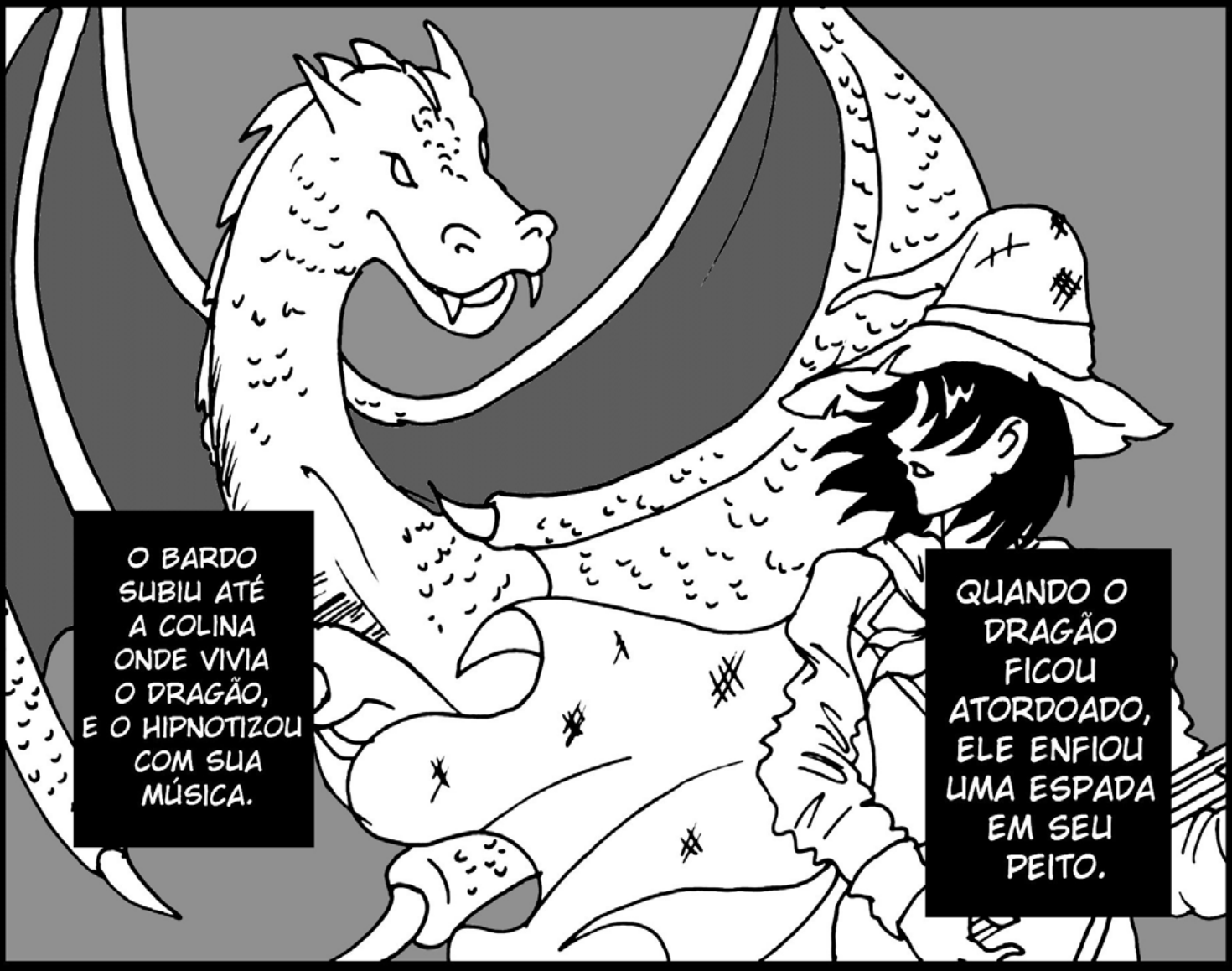

Era uma vez um bardo, que morava em uma cabana isolada, distante do restante da vila.

Um dia, um dragão das redondezas, que antes era pacífico, começou a atacar os moradores do vilarejo. Todos ficaram apavorados.

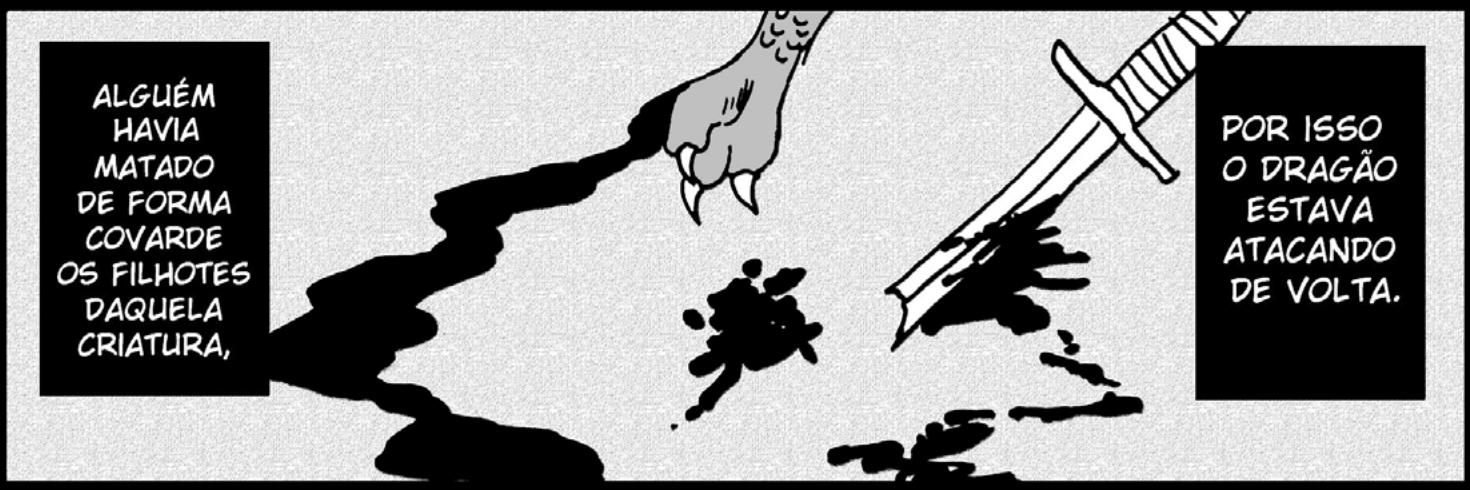
Então, o rei ofereceu cinquenta moedas de ouro a quem se dispusesse a matar o dragão.

Nenhum dos moradores se habilitou.

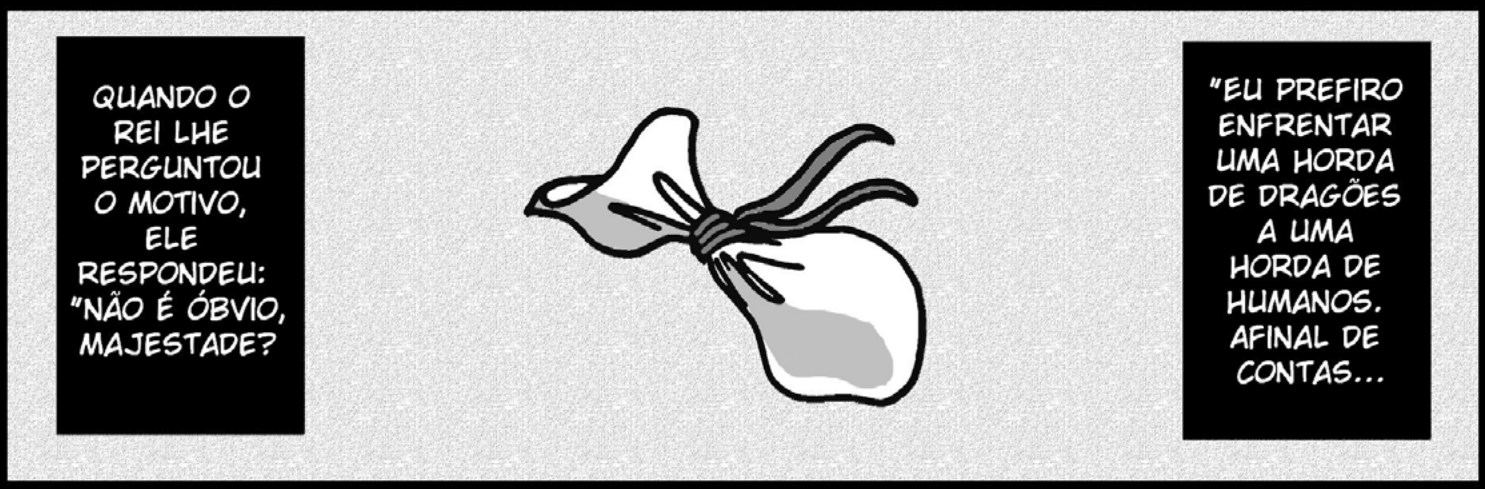
Então, o bardo um dia apareceu, disposto a ganhar a recompensa.


O BARDO SUBIU ATÉ A COLINA ONDE VIVIA O DRAGÃO, E O HIPNOTIZOU COM SUA MÚSICA.
QUANDO O DRAGÃO FICOU ATORDOADO, ELE ENFIOU UMA ESPADA EM SEU PEITO.

DEPOIS DE MATAR A CRIATURA,
O BARDO PERCEBEU QUE MAIS PESSOAS HAVIAM ESTADO ALI ANTES.


ALGUÉM HAVIA MATADO DE FORMA COVARDE OS FILHOTES DAQUELA CRIATURA,
POR ISSO O DRAGÃO ESTAVA ATACANDO DE VOLTA.

QUANDO O BARDO FOI ATÉ O VILAREJO PARA GANHAR A RECOMPENSA,
O REI LHE OFERECEU, ALÉM DAS MOEDAS, UM GRANDE BANQUETE EM SEU NOME. MAS O BARDO RECUSOU ESTA ÚLTIMA OFERTA.


QUANDO O REI LHE PERGUNTOU O MOTIVO, ELE RESPONDEU: "NÃO É ÓBVIO, MAJESTADE?
"EU PREFIRO ENFRENTAR UMA HORDA DE DRAGÕES A UMA HORDA DE HUMANOS. AFINAL DE CONTAS...

...OS PIORES MONSTROS SOMOS NÓS."
FIM

COMIC CON RS

#CCRS

03 E 04 DE AGOSTO

ULBRA CANOAS - RS

CONSOLIDADA COMO A MAIOR CONVENÇÃO DE QUADRINHOS E CULTURA POP DO RIO GRANDE DO SUL, A COMICCON RS CONTARÁ COM CONVIDADOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS DE PESO PARA A EDIÇÃO DESTE ANO..

DAVID LLOYD

JOE BENNETT

EDDY BARROWS

CRIS PETER

JOE PRADO

DANIEL HDR

A CONVENÇÃO ACONTECERÁ NOS DIAS 3 E 4 DE AGOSTO, NO CAMPUS DA ULBRA EM CANOAS.

LITEROMANCIA

contos

quadrinhos

resenhas

ilustrações

e mais!

Volume 1 | Nº1 | 2019